

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GIOVANNA LIMA FREITAS DE OLIVEIRA

POR UMA ESCRITA COMO CUIDADO DE SI

UBERLÂNDIA

2023

GIOVANNA LIMA FREITAS DE OLIVEIRA

POR UMA ESCRITA COMO CUIDADO DE SI

Dissertação apresentada para a
Qualificação de Dissertação junto ao
Programa de Pós-graduação em Psicologia
– Mestrado, do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial à obtenção do Título de
Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processos
Psicossociais em Saúde e Educação

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Wagner
Machado da Silveira

UBERLÂNDIA

2023

ESPAÇO RESERVADO PARA FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48p
2023
Oliveira, Giovanna Lima Freitas de, 1994-
Por uma escrita como cuidado de si [recurso eletrônico] / GiovannaLima
Freitas de Oliveira. - 2023.

Orientador: Ricardo Wagner Machado da Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7135>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Silveira, Ricardo Wagner Machado da, 1966-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Glória Aparecida
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG,
CEP 38400-902 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br -
pgpsi@ipsi.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 446, PPGPSI				
Data:	Seis de dezembro de dois mil e vinte e três	Hora de início:	15:10	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12122PSI010				
Nome do Discente:	Giovanna Lima Freitas de Oliveira				
Título do Trabalho:	Por uma escrita como cuidado de si				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cartografias de Políticas Públicas, Estratégias e Práticas de cuidado em Saúde Mental				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Bruno Vasconcelos de Almeida - PUC/MG; Dami da Silva - UFU; Ricardo Wagner Machado da Silveira, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Bruno Vasconcelos de Almeida participou da cidade de Belo Horizonte - MG, o Prof. Dr. Dami da Silva, o Prof. Dr. Ricardo Wagner Machado da Silveira e a discente Giovanna Lima Freitas de Oliveira participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr. Ricardo Wagner Machado da Silveira, apresentou a comissão examinadora e a candidata, agradeceu a presença pública e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem

sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca

Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Wagner Machado da Silveira, Membro de Comissão**, em 06/12/2023, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dami da Silva, Professor(a) Substituto(a) do Magistério Superior**, em 06/12/2023, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Vasconcelos de Almeida, Usuário Externo**, em 07/12/2023, às 13:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5017006** e o código CRC **E62EA4B7**.

Referência: Processo nº 23117.085548/2023-12 SEI nº 5017006

Dedico esse trabalho à Giovanna de 2021, que não desistiu.

Também, à Mariana, filhota da mulher que sou, pequena

válvula motriz de tantas intensas descobertas em mim.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ser fonte inesgotável.

Em seguida, agradeço:

A Mariana, minha filha, que nasceu em 2023, em meio à essa cartografia, me ensinando tanto sobre tudo, especialmente sobre o amor.

A Nara, minha mãe, pois sem seu apoio incondicional por toda minha vida não teria chegado até aqui, muito menos teria tido meios para concluir essa pesquisa.

Ao Lucas, meu esposo e fiel companheiro, que ainda sem compreender muitas de minhas aflições é constante incentivador de meus devaneios: me encoraja, me conforta e acolhe indiscriminadamente.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Wagner, que topou orientar uma cartografia que por muito tempo foi traçada na penumbra, sem indícios de que viria a ser.

Aos tantos amigos que, de um jeito ou de outro, me ajudaram – e ajudam – a compor não só essa cartografia, mas meus grandes projetos de vida.

A irmandade do Céu do Triângulo, família que escolhi e que tanto enriquece meu viver.

Aos membros da minha banca de qualificação, Prof. Dr. Caio Prochno, Prof. Dr. Bruno Vasconcelos e Dr. Dami da Silva, pela generosidade em partilhar tanto e de forma tão sensível.

A CAPES, pelo incentivo financeiro imprescindível.

Trabalho na Criação de Si

ou

Du Sollst Werden Der Du Bist e as Costelas de Adão

Será egoísmo

Pensar em quem eu sou?

Egocentrismo, vaidade

O que mais podem dizer?

Mas como ser (e não parecer)

Sem se afirmar?

Será que me conheço?

Será que me aceito?

Quem eu quero ser?

Se é um? Se é vários?

Em passagens

Um cardume

Que se transforma

Conforme a dança do mar

Como lidar com as passagens?

Como dar conta?

Responder as grandes perguntas: Qual o sentido? Por que sou?

Encontrar em mim.

Brincar de poeta: com licença para tudo dizer.

Deixar de morar no lugar

Aonde eu sou eu

Ser-Com

Co-Dasein

Transitar

Porto.

“À deriva, não há porto que pareça seguro”.

Resumo

Esta dissertação problematiza uma série de questões que atravessam uma vida em seus moldes contemporâneos, engendrado pelo capitalismo e neoliberalismo, e afetada pelos efeitos da pandemia de Covid-19. Para tal, vou cartografando o pesquisar/intervir traçado a partir de processos que me afetam, me implicam e que abarcam memórias pessoais e coletivas.

Apresento e problematizo a potência da escrita como ferramenta de resistência e de enunciação coletiva, além de constatar a possibilidade de, pela escrita de si, abrir-me espaço para uma poética da dor e da diferença. Trata-se de uma produção de literaturas menores, ou seja, uma escrita que dá consistência ao desejo que pede passagem, diferente de uma escrita acadêmica formal, típica da lógica neoliberal, que submete e bloqueia o fluxo desejante a partir de um modo hegemônico de produção de conhecimentos e de uma lógica produtivista no mundo do trabalho. Para tanto, tenho como intercessores o diálogo entre as minhas vivências e alguns conceitos criados por Deleuze e Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Byung-Chul Han, entre outros. Assim, a dissertação opera como um movimento de resistência que prima por um processo contemplativo e criativo, que possibilita uma fuga da massificação imposta pelas novas psicotecnologias de poder-saber.

Palavras-chave: cartografia, escrita de si, cuidado de si, literatura menor, covid-19

Abstract

This dissertation seeks to problematize a series of issues that cross life in its contemporary molds, engendered by capitalism and neoliberalism, and affected with the effects of the Covid-19 pandemic. To this end, I map out the research/intervention traced from processes that affect me, involve me and that encompass personal and collective memories. I present and problematize the power of writing as a tool of resistance and collective enunciation, in addition to verifying the possibility, by the self-writing, of opening to a poetics of pain and difference. It is a production of minor literatures, that is a writing that gives consistency to the desire that asks for passage, different from a writing formal academic, typical of neoliberal logic, which submits and blocks the desiring flow from a hegemonic mode of knowledge production and a productivist logic. To this end, we experience the dialogue between my experiences and the concepts of Deleuze and Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Byung-Chul Han and others. Thus, the dissertation works as a resistance movement that emphasizes a contemplative and creative process, which allows an escape from the massification imposed by the new psychotechnologies of power-knowledge.

Keywords: cartographic method, self-writing, self-care, minor literature, Covid-19

Sumário

Caro Leitor,	13
Algumas Palavras Sobre Uma Cartografia Que Transita Entre Memórias.....	16
Referências	24
Escrita De Si - Uma Ferramenta Para Tornar-Se Quem Se É	25
A Cartografia na Escrita de Si.....	25
Do Cuidado E Da Escrita De Si	28
Intensa Escrita - Por Uma Escrita Menor	42
Referências	46
Marco Temporal: A Pandemia De Covid-19.....	48
Referências	64
A Busca Por Uma Saúde E Seus Movimentos Aberrantes Diante Da Subjetividade Capitalista.....	66
Referências	94
O Buraco É Fundo: Acabou-Se O Mundo? Reflexões Sobre A Dor E Sobre O Ato Criador.....	97
Referências	105
Um passeio pelo diário de bordo.....	106
Do caos ao cosmo?	106
O broto pesquisa	107
O poema alimento.....	108
Lembrete	109
Urgência - Folha arrancada dentro de um livro.....	110
Listando pistas	111
Encorajamento e esperança.....	112
Divagando e demorando	113

Quais janelas escancaram a vida?	114
Encruzilhada.....	115
O que fica antes de dormir - Diário de bordo digital.....	116
Falar, digitar, narrar, posicionar - Diário de bordo digital	117
Janelas que escancaram a vida.....	118
Assim pensou a puérpera.....	119
Filhote de Homem	120

Caro Leitor,

Essa pesquisa é fruto de uma necessidade. Em contexto pandêmico, recém casada e recém desempregada, lidando com as sequelas que a COVID deixou e insistia em deixar, nada mais fazia sentido além de estudar. Pelas leituras e pelo exercício do pensamento, encontrar caminhos possíveis. Mas estudar o quê? Queria pensar a maternidade em tempos de COVID, queria pensar a maternidade das mulheres em situação de rua, mas também queria refletir sobre a comunidade médica e sua formação, sua capacidade de escuta e acolhimento diante de um inevitável esgotamento pandêmico. Queria também entender aonde é que se produz essa ideia de que se tornar adulto está atrelado a estar empregado, a ser produtivo, a ter um emprego e uma função social. Porque é que me sentia tão culpada em não querer produzir? Como alguém que se forma em uma profissão de cuidado pode desejar não mais cuidar? Uma profissional para a qual a escuta é tão cara, estar cansada de ouvir? Como existir, como resistir, como ser feliz diante de um cenário tão desolador?

“Não há caminhos de resolução”, assim pensava. Mas é preciso sobreviver. E como sobreviver com o mínimo de qualidade de vida? Entendendo qualidade de vida como vontade de viver. Se eu, coberta de oportunidades por toda a vida, sentia tamanho desamparo, como sentiam aqueles que não tiveram o que eu tive? Como continuar convivente com tudo isso?

O primeiro movimento foi de isolamento e quiçá uma dose de rebeldia. Tentava ao máximo não mais consumir, pois, já que não estava produzindo, não me sentia no direito de usufruir daquilo que outros poderiam me proporcionar. Mas daí, nesse ensimesmamento privativo, sinais de adoecimento. Tristeza, ansiedade, raiva. “Como é que não se enlouquece nesse mundo?”, pensei. O natural é enlouquecer, e não o contrário.

Mas em meio a tantos devaneios, dores e dilemas, havia ainda a voz neoliberal deveras internalizada que exigia uma ocupação. Não havia necessidade financeira para sobrevivência,

mas havia culpa, havia medo de deixar de existir. Quem sou se não trabalho? Quem sou se não desempenho um papel? O trabalho edifica o homem...

Então, dos males o menor, pensei: “vou virar pesquisadora”. Era uma tentativa de golpe, de me apropriar de um lugar para continuar podendo me ocupar da única coisa que fazia sentido: pensar. Eu não queria entrevistar ninguém e nem ouvir ninguém. O quanto mais solitário fosse o caminho, melhor me parecia. “Eu mesma me resolvendo, evito certos desgastes”. Esse pensamento com certeza era fruto de dois anos imersa em uma Residência Multiprofissional, uma jornada repleta de vozes, mas quase vazia de companhia, de amizade.

E então o ingresso na pós-graduação e a grande questão sobre como seguir. O que pesquisar? Sobre o que falar? O que é que mais me inquieta nesse momento? Pensei que fosse a saúde do trabalhador, uma vez que via em mim várias marcas desse traço social. Estudei, me debrucei sobre vários livros. Supri, com certeza, algumas dúvidas. Mas na hora da escrita, nada. Que caminho seguir? O que dizer? Resolvi então dizer da dificuldade de escrever, e foi assim que nasceu o primeiro texto dessa dissertação e onde brotaram as primeiras pistas para dar seguimento a mesma. Esse primeiro texto se dividiu em três a medida com que fui me encontrando com autores que dialogavam, de alguma forma, com aquilo que havia produzido.

E apesar de ter como um fio condutor da pesquisa a minha relação com a atividade da escrita, trata-se, ainda, de saúde do trabalhador. É um ato, uma escolha, de produzir em mim, pesquisadora e trabalhadora, saúde através da pesquisa. Trata-se também ainda de pensar as marcas de uma pandemia, dos registros que ficam nos corpos a partir daquilo que percebo em meu corpo. De alguma forma, é ainda sobre a população em situação de rua, que desde a graduação provoca tanto em mim, e também sobre maternidade, uma vez que durante o pesquisar descubro em mim uma gestação e começa a nascer aqui uma mãe. É uma pesquisa atravessamento, que se dá por uma escrita povoada, que não pretende chegar em lugar algum

que não na produção de sentido para uma existência. Não se produzirão aqui grandes hipóteses, nem se construirão grandes teorias.

É de uma vida que se trata. Nos seus atravessamentos, em sua imanência. De uma existência, do tempo de uma vida, dos sentimentos e questionamentos de uma pessoa. O positivismo que me perdoe¹, mas, daqui, dificilmente poderemos generalizar algo, menos ainda replicar. Ainda bem que existem caminhos, que existem parceiros que topam a jornada incerta desse tipo de pesquisa. Sozinha, como pretendia a princípio, eu não conseguiria construir nada. Disso eu já sabia, mas teimei em esquecer.

No caminho, felizmente, fui sendo contagiada. Nos encontros com meu orientador, com a turma de estágio em docência que dividi com ele, com os colegas pós-graduandos, com minha família e seus dilemas, com meu esposo, com minha filha, ainda no ventre no momento dessa escrita. Intercessores. Catalisadores. Como guias turísticos que por densas florestas apontam as trilhas, mostram os perigos, as curiosidades e a beleza de se aventurar por um lugar já descoberto, mas ainda não experienciado. Quanta beleza existe em se permitir sentir e viver aquilo que seu próprio ser lhe demanda. O encontro com a natureza e com o natural, com aquilo que compõe a todos, a humanidade, o cansaço, o esgotamento, a solidão, o desespero e enfim o desejo, os afetos, os encontros. Poética de existir. É sobre esse caminho que essa dissertação diz. É sobre algumas descobertas, tão íntimas, e ainda assim, tão comuns e corriqueiras.

Para mim, um respiro... Para vocês, espero que uma oportunidade, talvez, de partilhar comigo da vivacidade desse caminho.

¹ Como bem lembrou meu orientador, “[...] Não há o que perdoar, por isso mesmo é que há de haver mais compaixão [...]” (Música Drão, de Gilberto Gil), assim, mantenho a expressão como coloquialidade da língua, mas não como verdadeira intenção.

Algumas Palavras Sobre Uma Cartografia Que Transita Entre Memórias

Quando se escreve, não se trata de história privada. São realmente uns imbecis. É a abominação, a mediocridade literária de todos as épocas, mas, em particular, atualmente, que faz com que se acredite que para fazer um romance, basta uma historinha privada, sua historinha privada, sua avó que morreu de câncer, sua história de amor, e então se faz um romance. É uma vergonha dizer coisas desse tipo. Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja o romance ou a filosofia, e o que isso quer dizer... (Deleuze, 2021, p. 4)

Há de se questionar a relevância ou a adequação de uma dissertação de mestrado na qual a pesquisadora partilha tanto sobre si, suas memórias, experiências, afetos e inquietações. Seria ético? Teria algum proveito? Ou seria fruto de um egocentrismo exacerbado? Uma espécie de autoanálise fora de hora e de lugar?

Por onde tais memórias podem fazer ver além? Como se justifica o constante partilhar de si para além da afetação propiciada pelo ato de pesquisar? Existem brechas pelas quais o outro também fala? Afinal, é sobre si ou sobre o outro? Faz fronteira com o coletivo? Um Dentro a revelar um Fora?

Agamben (2015) expõe que o homem é o único entre os seres vivos que busca apropriar-se de sua aparência, e o faz através da linguagem. Essa tentativa de apropriação do ser, transforma a natureza em rosto. No entanto, esse rosto que é revelado não guarda qualquer relação com a verdade, nem sobre o homem, nem sobre o mundo, mas abre sobre si um espaço para a luta política.

O rosto é o ser irreparavelmente exposto do homem e, ao mesmo tempo, o seu permanecer oculto precisamente nessa abertura. [...]. Aquilo que o rosto expõe e revela não é algo que possa ser formulado nesta ou naquela proposição significativa e tampouco um segredo destinado a permanecer para sempre incomunicável. A

revelação do rosto é revelação da própria linguagem. Ela não tem, por isso nenhum conteúdo real, não diz a verdade sobre este ou aquele estado de espírito ou de fato, sobre este ou aquele aspecto do homem ou do mundo: é apenas abertura, apenas comunicabilidade. Caminhar sob a luz do rosto significa ser tal abertura, padecê-la. (Agamben, 2015, pp. 87-88)

O conceito de rosto é amplamente discutido pelo filósofo e explica a necessidade do homem de se reconhecer e ser reconhecido, buscar em sua própria imagem sua própria verdade. No entanto, o rosto não coincide com a face. Assim, a linguagem que delimita o rosto não é capaz de alcançar a completude do ser, abrindo, no entanto, um espaço de comunicabilidade. Essa abertura se dá pois é através do rosto que o homem reconhece a si, tanto em um espelho, quanto diante do outro. Assim, o rosto se torna o lugar primordial da política, uma vez que é nele onde se assenta tudo o que os homens trocam entre si. (Agamben, 2021).

Essas discussões sobre o rosto em Agamben me atraem a medida em que propõe que toda produção, toda tentativa de, pela linguagem, tornar algo conhecido, leva, além da produção desse espaço de comunicabilidade, à produção também do próprio autor ou escritor. Assim, toda atividade criativa, todo apelo poético, seria uma atividade de poiesis, de atualização de si. Dessa forma, o filósofo propõe que para que um exercício seja ético é necessário que aquilo que ele apresenta como rosto, ou como a imagem de um sujeito, não seja resistente a criação, ou seja, não pressuponha uma essência ou pretenda encerrar sobre si alguma verdade. (Jugend, 2015).

Com isso, medito sobre a preocupação inicial dessa incursão e pondero que, a escrita e a partilha de informações biográficas, que de alguma forma sustentam um rosto, uma imagem dessa autora que vos fala, não pretende atingir nenhuma espécie de verdade absoluta ou a

construção de algum modelo. Pelo contrário, busca, de forma ética, criar, multiplicar sentidos, ampliar o diálogo, sem, é claro, conter o fluxo afetivo que motiva a pesquisa.

Agamben (2007) realiza uma interessante leitura da conferência “O que é um autor?” (1969) de Foucault em diálogo com o texto “A vida dos homens infames” (2003), também de Foucault. Agamben (2007) afirma que o autor “é o que resulta do encontro e do corpo-a-corpo com os dispositivos em que foi posto – se pôs – em jogo” (p. 56), lembrando que a própria escritura, tal como a linguagem, são dispositivos. Ele alega que a vida ética é aquela que, justamente, aceita-se pôr-se em jogo, pôr-se em cena. Assim, a poesia, a vida que se põe em cena na escrita, inauguraria um gesto inexpressivo do qual o autor não seria mais que testemunha, “fiador da própria falta na obra em que foi jogado” (p. 56), tal como o leitor, que também se torna um jogador da obra, não para completa-la, mas para criar e compor, estando ambos “em relação com a obra sob a condição de continuarem inexpressos” (p. 56), uma vez que se faz impossível a apreensão de uma verdade absoluta sobre si, sobre o outro, ou sobre o mundo.

O filósofo entende que o paradigma da presença-ausência do autor em sua obra operaria tal qual os homens de vidas infames, cujas histórias apareciam de maneiras anedóticas em jornais, claramente capturados pelos dispositivos de poder que deles falavam apenas para deflagrar algum crime ou sentenciar alguma punição, expondo apenas fragmentos dessas vidas. Isso ocorre em qualquer escritura pois, em cada ato de expressão, há ainda a mesma medida de instalação de um vazio central que revela essa incapacidade de absolutizar o conhecimento de homem sobre si. (Agamben, 2007).

A morte do autor é vista, portanto, como o reconhecimento de que uma obra se produz de forma polifônica, tratando-se o autor e sua história de um mediador que performa com a linguagem, e não como a expressão de uma figura de sabedoria que, em outros tempos, assentava sobre o autor uma postura de soberano criador. Assim, o nome do autor existe, sim,

enquanto marca histórica, mas não enquanto categoria imprescindível a obra, sendo o autor mais um produto da interação entre dispositivos do que alguém de reconhecida razão. E disso não se conclui um apagamento do autor enquanto indivíduo, mas sim a consideração da construção sócio-histórica que impulsiona o mundo dos discursos. (Agamben, 2007).

Essa incursão pelo pensamento de Agamben e Foucault faz lembrar a multidão que povoa cada sujeito, cada pensamento e sentimento dos seres sociais que somos. Em tempos de aceleração tecnológica e midiática, caberia inclusive pensar o quanto essa multidão tende a se massificar, deixando de ser múltipla, a medida em que se busca hegemonizar as subjetividades através de determinados discursos que contaminam as massas através das mídias cada vez mais intrusivas no cotidiano.

Mas longe de pretender aprofundar em nova discussão, sigamos pensando se o exercício da escrita de si pode ser ético.

O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura surge então como uma tarefa de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde [...], mas usufrui de uma irresistível pequena saúde que vem daquilo que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes para ele, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis. (Deleuze, 1997, pp. 13-14)

Quando nos fala da grande saúde dominante, Deleuze (1997) diz das práticas dominantes que capturam o homem e aprisionam a vida em modelos dominantes. Trata-se de tudo aquilo que é imposto como necessário à saúde e ao bem-estar, de forma generalizada, desconsiderando o singular de cada um. Seria a lógica da sobrevivência que submete a vida a formas soberanas de funcionamento e ordenação. A literatura, surgiria, portanto, como uma tarefa de saúde, de pequena saúde, aquela saúde que busca libertar a vida, fazê-la escapar,

escorregar por entre as frestas, afirmando as forças intensivas das experiências do homem em sua relação com o mundo.

Há aqui a defesa por uma escrita que se dá em devir, e que, assim sendo, não conta de uma história privada, mas se dá em abertura ao social, aos encontros, aquilo que atravessa o autor. Uma escrita que não preza pela estabilidade ou pelas lógicas identitárias, mas que se abre ao desasosiego, ao delírio, àquilo que escorrega por entre as normas dominantes. Seria essa uma forma de acionar a potência política da existência, dando passagem a novas formas de enunciação a partir dos agenciamentos de forças que forem possíveis a cada um autor. Potência política, pois trata-se de uma resistência às lógicas impostas e apregoadas, abrindo espaço ao singular, libertando a vida de sua sujeição e abrindo-lhe espaço para que circulem os afetos.

Assim, quando digo, é de onde tenho algo a dizer. Partindo da realidade que se produz diante daquilo que foi possível alcançar com as ferramentas que possuo, este arcabouço teórico e afetivo que aqui compartilho com cada um que se dispor a se encontrar com este texto. Em última instância, trata-se de uma esperança de que não seja só eu a falar, mas que por mim falem. E aqui me encontro com a preciosa afirmação de Passos e Benevides (2006 citado por Passos & Barros, 2009) de que “toda propriedade de si guarda um fundo de impropriedade” (p. 162), onde discorrem que a *polis* e a política sempre estão a atravessar a experiência de si.

E então, como fazer gaguejar aquilo que é tido como privado? É preciso buscar o que nesse território vibra como abertura, ou seja, é preciso aumentar o grau de desterritorialização pelo desmonte da lógica identitária. Considerando que tudo é político, tem-se a porta para que, pelo caso individual, se encontre situações que, quando problematizadas, se mostram como *ethos* político, uma vez que a fronteira que separa o privado do público mostra-se bem

mais como uma “zona de indiscernibilidade” (Passos & Barros, 2009, p. 167) do que como uma franca separação entre o “um” e o “qualquer um” (Passos & Barros, 2009, p. 167).

É possível então, por esse procedimento de fazer gaguejar o privado de forma a encontrar o político, que se faça um furo que alcança o lugar comum, sendo o comum “essa experiência coletiva em que qualquer um nela se engaja ou em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal” (Passos & Barros, 2009, p. 168). E assim, temos que o sujeito se constitui ele próprio em um agenciamento de enunciação, uma vez que “se dá em um plano de fluxos heterogêneos e múltiplos que se cruzam incessantemente, possibilitando infinitas montagens.” (Passos & Barros, 2009, p. 168).

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. (Passos & Barros, 2009, pp. 169-170)

Em sua Antropofagia zumbi, Rolnik (2021) discute o movimento antropofágico e coloca que aquilo que é critério para definir se algo serve ou não a um banquete antropofágico é exatamente se aquele sistema funciona ou não para aquele que o irá absorver, se tem poder de fortalecer suas potências e ampliar seus universos. É nessa toada, utilizando como bússola minha própria atenção, foco e afetação, que experimento essa pesquisa, essa cartografia. É antes de qualquer coisa uma pesquisa sobre saúde. A pequena saúde, diante da grande saúde dominante. Saúde menor em tempos de pandemia, de acentuação do neoliberalismo e de tudo que ele carrega consigo. Saúde diante desses processos de subjetivação instituídos. Saúde como a habilidade de desterritorializar-se. Experimentar.

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim

é só vertigem:

outra parte,

linguagem.

Traduzir uma parte

na outra parte

— que é uma questão

de vida ou morte —

será arte?

(Gullar, 2017, pp. 30-31)

Referências

- Agamben, G. (2007). *Profanações*. Editora Boitempo.
- Agamben, G. (2015). *Meios sem fim: notas sobre a política*. Autêntica Editora.
- Agamben, G. (2021, 5 de maio). *O rosto e a morte*. Revista IHU On-Line.
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608961-o-rosto-e-a-morte-artigo-de-giorgioagamben>
- Deleuze, G. (1997). A literatura e a Vida. In G. Deleuze, *Crítica e Clínica* (pp. 11-16). Editora 34.
- Deleuze, G. (2021, junho 7). *O Abecedário de Gilles Deleuze | Transcrição Completa*. Machine Deleuze. <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedariode-gilles-deleuze-transcricao-completa/>
- Foucault, M. (1996). *O que é um autor?* In M. Foucault, *Ditos e Escritos* (pp. 264-298). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2003). A vida dos homens infames. In M. Foucault, *Estratégia, poder-saber* (pp. 203-222). Forense Universitária.
- Gullar, F. (2017). *Na vertigem do dia*. Companhia das Letras.
- Jugend, G. (2015). *Rosto: A Passagem Da Ontologia à Ética Em Giorgio Agamben* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo Digital da UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/41853>
- Passos, E., & Barros, R. B. (2009). Pista 8 – Por uma política da narratividade. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 150-171). Sulina.
- Rolnik, S. (2021). *Antropofagia zumbi*. N-1 edições.

Escrita De Si - Uma Ferramenta Para Tornar-Se Quem Se É¹

A Cartografia na Escrita de Si

O presente artigo constitui o primeiro texto de uma dissertação de mestrado que versa, entre outros temas, sobre a escrita como cuidado de si. O método cartográfico descrito por Deleuze e Guattari é o instrumento que possibilita que a pesquisa transite entre memórias, teorias filosóficas e psicológicas, bem como entre tantos outros meios de afetação que compõem o mundo e, invariavelmente, interferem na pesquisa por meio da relação do pesquisador cartógrafo, ou aprendiz cartógrafo (Alvarez & Passos, 2009), com seu objeto de estudo.

A cartografia como método de pesquisa implica em uma alteração do sentido da própria palavra método, visto que este último significa traçar metas e caminhar para alcançá-las. A cartografia não se dá de forma prescritiva, fala-se, então, de uma *hódos-metá*, ou seja, uma pesquisa que começa sem metas fixas, mas que as traça conforme seu desenvolvimento, dando maior importância ao caminho e suas possibilidades do que ao seu fim (Passos & Barros, 2009).

Como apontam Alvarez e Passos (2009), na pesquisa cartográfica, os tradicionais papéis de sujeito e objeto de uma pesquisa dão lugar a personagens rítmicos e paisagens melódicas que se compõem mutuamente, ou seja, não se trata de uma pesquisa “sobre algo”, mas uma pesquisa “com algo”, em que o próprio tema da pesquisa vai sendo cultivado, ou melhor dizendo, cartografado, em um processo construtivo, colocando o cartógrafo em posição de aprendiz.

“A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras.” (Alvarez & Passos, 2009, p. 149).

¹ Capítulo submetido para publicação na Fractal: Revista de Psicologia em agosto/2022.

Rolnik (1989) comenta que, para o cartógrafo, interessa tudo que serve como matéria de expressão e criação de sentido, em que cabem todas as entradas, desde que as saídas culminem em multiplicidades. Assim, servindo-se de várias fontes, inclusive aquelas não escritas ou teóricas, o cartógrafo busca descobrir quais linguagens favorecem a compreensão das intensidades que perpassam seu corpo quando encontra outros corpos, os quais busca entender. Dessa forma, o problema para o cartógrafo “não é o do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo” (Rolnik, 1989, p. 67).

O presente texto acontece pela necessidade de escapar de uma paralisia da criatividade ao escrever. Como tentativa de pôr a função da escrita para funcionar novamente, decidi escrever sobre a dificuldade em escrever. Instigada pela leitura de um texto de Foucault (1982), que será discutido à frente, fiz esse primeiro movimento de investigação e o objeto da pesquisa começou a adquirir consistência. No cartografar da dificuldade em escrever, me impliquei e comecei a compor o caminho da pesquisa cartográfica que foi sendo construída ao longo de um processo de cuidado e escrita de si.

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. A pergunta, que diz respeito ao momento que precede a seleção, seria melhor formulada se evidenciasse o problema da própria configuração do território de observação, já que, conforme apontou M. Merleau-Ponty (1945/1999), a atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo. (Kastrup, 2009, p. 35)

Kastrup (2009) coloca que os movimentos que a atenção faz quando engajada em uma cartografia são de exploração cuidadosa de tudo o que afeta o cartógrafo. Nessa exploração,

são mobilizadas a memória e a imaginação, o passado e o futuro, de uma forma tão mesclada que se torna difícil discernir qual desses aspectos estão estimulando os dados que o cartógrafo produz. A atenção então se desdobra em movimentos que vão constituindo a cartografia mediante os signos que por ela são acolhidos, desvelando a processualidade em curso que sustenta o trabalho do cartógrafo.

É necessário ao cartógrafo a ativação de uma atenção à espreita, ou seja, ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta. Esse tipo de atenção se opõe aquela atenção seletiva que costuma dominar o funcionamento cognitivo. Diante disso, percebe-se que no cultivo de uma cartografia, onde a memória e a percepção trabalham juntas na construção do campo de observação sob o qual o cartógrafo se debruça, todo tipo de informação, seja ela mnemônica, científica ou afetiva, passa a corporificar o processo cartográfico, exigindo da atenção do cartógrafo essa abertura para que se encontre dentre esses elementos aquilo que ainda não se conhece, embora já estivesse ali, como virtualidade (Kastrup, 2009).

Essa explicação sobre o trabalho da atenção do cartógrafo desvela os primeiros passos trilhados na composição dessa dissertação cartográfica. Aquele momento em que diversos registros vão sendo acionados, dentro dessa dinâmica atencional flutuante, de forma a compor um território de observação, fazendo emergir um problema de pesquisa, um tema, diante daquilo que já existia enquanto virtualidade e que encontra, pela cartografia, um caminho para se atualizar.

Sendo assim, o presente trabalho começa a se desvelar diante de inquietações que provocam o pensamento ao ponto de criar conexões, que aparecem no desenrolar desse primeiro texto, entre memórias pessoais, partilhas coletivas e teorias filosóficas e psicológicas que de alguma forma dialogam com o campo que busca se atualizar nessa cartografia. Assim, ainda na fase de delineamento do projeto de pesquisa, a cartografia já começa a se compor, tal

como a atenção do cartógrafo, de forma aberta, à espreita, captando aquilo que lhe atravessa de forma a produzir novos sentidos.

Do Cuidado E Da Escrita De Si

Foucault, em seu texto *Tecnologias de si* (1982), discute aquilo que, em sua obra, ele denomina por “tecnologias” e que implicam em certas operações de modificação dos indivíduos. Ele divide grupos como “tecnologias de produção”, “tecnologia dos sistemas de signos”, “tecnologias de poder” e “tecnologias de si”. Nesse texto, Foucault (1982) demonstra a intenção de pensar a dominação de si, ou melhor, “a história de como um indivíduo age sobre si mesmo” (p. 324), por meio das tecnologias de si.

As tecnologias de si seriam aquelas que permitiriam que cada um pudesse efetuar, de forma individual ou com ajuda de alguém, operações em seus corpos e pensamentos, condutas e jeito de ser, de modo a se transformar “com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (Foucault, 1982, p. 324).

Dentro dessa investigação, Foucault (1982) constata que, na cultura greco-romana, o cuidado de si levava ao conhecimento de si, lógica esta que deixa de existir nos tempos modernos, em que o conhecimento de si se torna o princípio fundamental. No estudo dos períodos helênico e imperial, nos quais o cuidado de si era tido como prática de obrigações e serviços para a alma, Foucault (1982) identifica que:

A escrita era também importante na cultura do cuidado de si. Uma das principais características do cuidado era tomar notas de si para que fossem relidas, escrever tratados e cartas a amigos para ajudá-los e cultivar cadernos com a finalidade de reativar para si as verdades necessárias. (p. 334)

Ao ler essas palavras, não pude evitar a intensidade do encontro atemporal de meu pertencimento a essa época, a esse costume. Lembrei de uma cena quando, no início do curso de psicologia, me encontrei com a disciplina de metodologia científica e o desafio de construir

um projeto de pesquisa. Me propus a pensar o autismo e escrevi praticamente todo o projeto a partir de minhas próprias palavras, ideias e curiosidade.

Ao receber a nota, baixíssima, do meu inventivo projeto de pesquisa, busquei a professora para entender como melhorar e sofri, hoje reconheço, um dos maiores golpes de minha vida criativa. Descobri que, para a escrita acadêmica, tudo, ou praticamente tudo que eu fosse dizer, precisava já ter sido dito por alguém, ou seja, era preciso referenciar tudo aquilo que me vinha à cabeça e colocava no papel, pois, provavelmente, alguém já teria falado e escrito sobre isso. Pelo menos, foi isso que pude entender naquele momento de frustração. Hoje reconheço que tudo aquilo que partia de mim, que parecia ser fruto tão somente de meus pensamentos e curiosidades, era também um agenciamento, tudo atravessado por tantos encontros com os quais ia me compondo, ainda que sem referenciar conforme pediam as normas acadêmicas.

Até o final do Ensino Médio, cultivei o hábito da escrita como forma de cuidar de mim mesma. Eu criava personagens e, de maneira artesanal, vivenciava processos de catarse. Às vezes, experimentava escritos sobre fatos e ampliava o olhar sobre estes. Quando me encontrava espirituosa, ensaiava poesias. Em tudo isso, escrevia sentimentos, pensamentos, atitudes, impulsos, ideias e suspeitas. Me aproximava daquilo que pululava internamente, os afetos que ainda não haviam encontrado um caminho de gesto (afetos indigestos?) e cultivava intimamente, como que um ladrão se escondendo às sombras, esse desejo de fazer da escrita uma aliada para o cuidado de si².

² “Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo, medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim”
(Nascimento, Milton – Eu caçador de mim)

Talvez, um dos textos mais marcantes, para mim, que escrevi nessa época, foi uma carta destinada a Deus (Figura 1), na qual questionava sua existência e tentava compreendê-lo. Curioso que o nome do blog em que eu postava alguns de meus textos era “daquiloquenãosediz”. Para mim, que cresci ouvindo que era uma criança tímida, a escrita cumpria o papel de acolher aquilo que, por tantos motivos, eu não dizia a mais ninguém.

Figura 1

Fragmento “Carta pra Deus”, escrita em maio de 2011

Deus.. Senhor Deus.. Não, Deus..
 Me perdoe os devaneios mas é que tornar real um sentimento através da escrita tem sido pra mim como um vício, uma chama de vida que chama pra viver. E, tentar compreender o que é você me parece bem válido. Não sei, e talvez seja melhor nem saber, como você é. Afinal, você é? É gente como a gente ou é animal? É luz? Escuridão? É força ou a falta dela? Será que você é a falta de forma? O vácuo que rege o mundo. Como um buraco negro suga pensamentos e atrai nossa atenção de meros mortais. Ateus, cristãos, judeus, espíritas e tantos outros. Todos seguidores de uma força que tem milhares de nomes e personificações e ao mesmo tempo não tem nada. Você, que não tem rosto, não tem credo e não tem cor, ocupa muito a minha mente. Bem que eu queria entender. No entanto, acho que é a falta de conhecimento sobre o “a posteriori” da morte que nos faz querer viver, e, o que seria da vida se não fosse a vontade de não morrer ou o desejo de aproveitar o que vem antes da tão açoitada morte?
 Talvez, em algum tempo antigo, o homem soubesse o que vinha a seguir, e isso pode tê-lo cegado para outras importâncias do ser. Talvez a dúvida que gera tanta controvérsia, exista, na verdade, para gerar ordem e discernimento entre o certo e o errado. Se isso ocorreu mesmo, se um dia o homem soube a verdade, restam a você duas faces: a de um egoísta, que por não ser o centro das atenções, visto que a realidade cabia a todos, decidiu por se tornar superior e criou o mistério da vida e da morte, e a de um altruísta, que abdicou do seu sossego de ser ninguém para que nós pudéssemos compreender demais questões. Mas isso, é só um grande “se”..

Fonte: autoria própria.

Encontrei nas buscas por esses registros, uma frase: “Que, pra mim, o silêncio é a mera destreza da consciência”. Escrevi isso no tópico “Sobre mim” do meu blog adolescente,

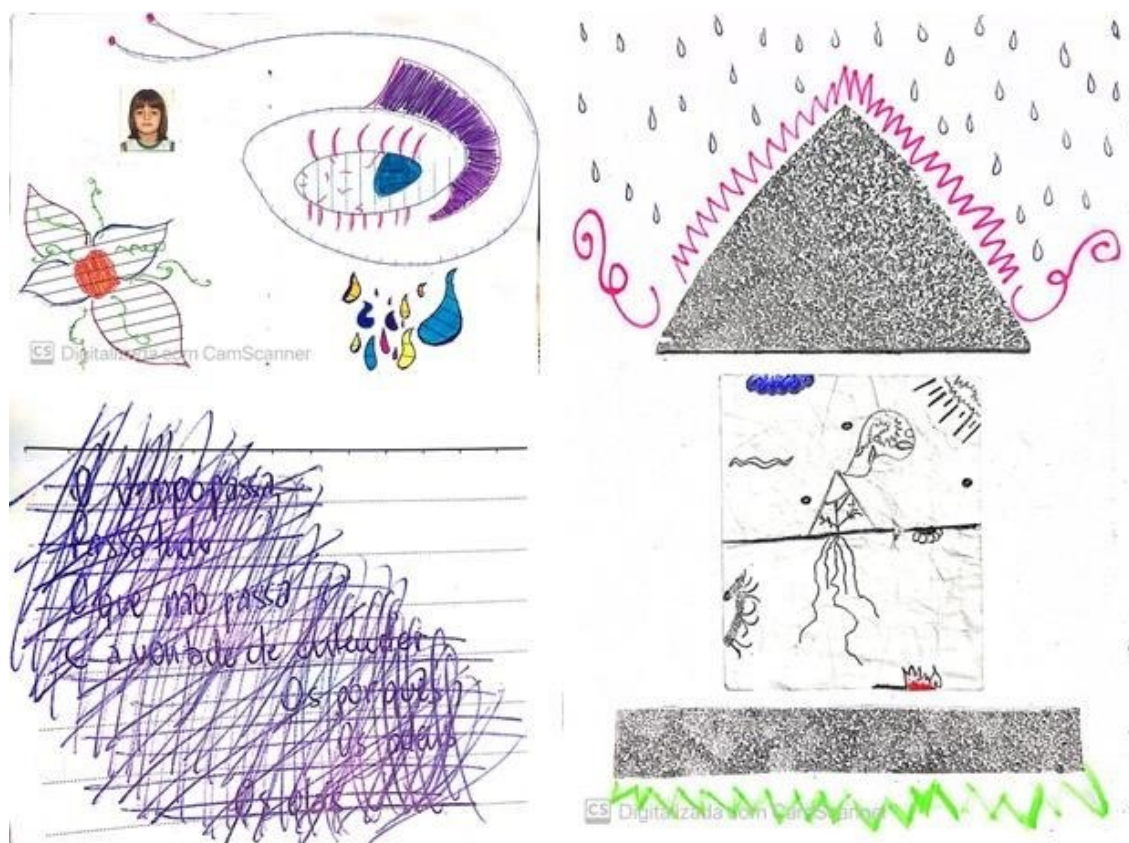
ainda sem me apropriar de nenhuma das discussões em torno da palavra “consciência”, talvez no sentido de dizer que não falar não significa não ter o que dizer. Aquilo que não dizia virava texto, anedota, carta, poesia, mas o importante é que existia, tomava corpo, vinha ao mundo.

O que começou acontecendo nas folhas de fichário, nas aulas das ciências exatas, nas quais a mente insistia em alçar voos, passou a deixar marcas digitais em meu primeiro computador, a habitar toda e qualquer agenda, deixava rastros nos blocos de nota pela casa e, atendendo aos clamores dos tempos pós-modernos, passa a existir quase que exclusivamente em meu celular, no formato das mensagens instantâneas. Dessa época, não encontro registros.

Não sei dizer quando essa prática foi interrompida, mas sinto que a interdição do meu projeto de pesquisa alimentou e estimulou essa pausa, essa paralisia. A grande questão é que, durante a graduação, contexto em que a escrita nos moldes acadêmicos tradicionais era sempre exigida, minhas anotações resistentes, minhas linhas de fuga são, em sua maioria, desenhos, fragmentos de textos, de palavras que ouvi. Não encontro contos, nem cartas, tampouco narrativas que datem desse período. Seguem alguns dos fragmentos:

Figura 2

Fragmentos de imagens produzidas entre os anos 2012 e 2017, durante a graduação



Fonte: autoria própria.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), inclusive, foi feito em formato de relato de experiência como tentativa de construir, pela escrita no método cartográfico, um cuidado comigo mesma. Havia sim espaços para cuidar desses afetos: a supervisão em grupo, a terapia pessoal e até mesmo os relatos de atendimento que eram escritos de forma minuciosa. Mas havia mais, muito mais a ser dito. Era uma oportunidade de dar corpo a uma experiência que foi tão visceral em mim, era um meio de dizer e pensar sobre aquilo que talvez eu não tivesse tido palavras para dizer em todos esses outros espaços.

O relato de experiência contava sobre o trabalho de acompanhante terapêutica que desempenhei no ano de 2012 junto a um jovem paciente da rede de saúde mental da cidade, que tinha diagnóstico de esquizofrenia. O rapaz de 26 anos, solteiro, era paciente do CAPS

desde 2010. Morava com a mãe e um cachorro que adotaram da rua. Era considerado pela equipe do CAPS um paciente de prognóstico ruim, uma vez que além de não aderir ao serviço, os relatos eram de extrema reclusão, recusa alimentar e fortes delírios paranoicos.

O Acompanhamento Terapêutico (AT) se deu graças à oferta do serviço à rede de saúde mental da cidade, por uma faculdade de psicologia e em formato de estágio. O AT consiste em uma modalidade clínica, uma técnica ou um novo jeito de se pensar o cuidado em saúde mental. Uma prática que tem como preceito a inserção no cotidiano. Geralmente, os acompanhados são pessoas que sofrem um distanciamento em menor ou maior grau da sociedade e do que se pode chamar de produtividade. O trabalho do AT seria, então, acompanhar o cliente em seus espaços cotidianos: buscando reativar os laços que outrora foram rompidos, ativar novos laços, promover a autonomia e a afirmação da singularidade. Nesse contexto, aponta Scagliarini (2015), o acompanhante assume também o papel de ego auxiliar, uma função de elo entre o individual e o coletivo.

O estágio, que teve duração de um ano, consistia no acompanhamento de pessoas vinculadas à rede de atenção psicossocial da cidade e que eram consideradas pela equipe de referência como casos cronicados, de difícil acesso e manejo. O acompanhamento era feito em duplas. Encontrava-me com o acompanhado no mínimo duas vezes na semana, na maior parte das vezes em sua casa, e tinha também o espaço de supervisão em grupo, junto ao professor supervisor da atividade, também duas vezes na semana. Os demais participantes das supervisões eram estagiários que, como eu, estavam acompanhando outras pessoas que tinham vínculo com a rede de saúde mental.

O Trabalho de Conclusão de Curso, de alguma forma, deu conta de alguns dos atravessamentos que vivenciei junto ao meu acompanhado Michel (nome fictício) e seu cachorro de estimação, Mozart, com quem Michel tinha uma relação muito íntima. A princípio, a proposta do TCC era outra. Tentei construir outros textos, propus uma revisão de

literatura e depois uma Análise Institucional de um CAPS. Ambos os projetos foram bem aceitos pelo meu orientador, mas, chegando no último período para escrever o trabalho, nada fluía. A escrita não acontecia. O que eu consegui escrever foi da minha experiência junto a Michel e Mozart.

Essa escrita, para acontecer, contou com uma série de outros textos escritos durante o acompanhamento de Michel. Os relatos eram uma escrita que dava corpo àquilo que se desenrolava na transferência. Costumava ser uma atividade de imersão, na qual a narrativa apenas fluía por entre meus dedos. Aqui, aprendi a potência da escrita como aliada da clínica.

Muitas vezes, grandes percepções sobre os atendimentos e sobre o caso vinham aparecer nos relatos que fazia de forma escrita. Essas percepções tomavam maiores proporções à medida que as compartilhava na supervisão de grupo, o que catalisava o processo que se iniciou no encontro com Michel e que se fazia flagrante na escrita. Teria então dois grandes aliados: a escrita e a supervisão.

Foi também por esses relatos que pude começar o trabalho de cartógrafa para compor o relato de experiência que desse conta tanto dos afetos experienciados enquanto acompanhante, quanto das minúcias que compunham o caso em questão.

Ortega (1999), dialogando com as práticas de cuidado de si, sobre as quais Foucault se debruçou, faz apontamentos importantes. Ao pensar tais práticas sob a ótica da estética da existência, “as artes de si mesmo”, ele ressalta que não há auto estilizações na solidão. Ou seja, tudo que se diz de si mesmo, ainda que em registros de diários, está endereçado para o mundo. Assim, o cuidado de si aparece como condição do cuidado dos outros, como um movimento de si para o outro. O autor diz ainda que: “Essa intensificação da relação consigo [pelas práticas de cuidado de si] não tem como consequência o aumento do individualismo: representa, antes (o que poderia parecer paradoxal), uma intensificação das relações sociais, pois a relação com o outro será revalorizada” (Ortega, 1999, p. 132).

Ao olhar para a obra de Heidegger, Ortega (1999) ainda apresenta o conceito de *coDasein*, que diz sobre a condição intrínseca de todo *Dasein*, de todo ser-no-mundo, que é sercom. Ou seja, o *Dasein* não encontra a si mesmo como um *cogito* isolado, pois, mesmo quando não há ninguém presente, a estrutura ontológica do ser-no-mundo se revela num mundo compartilhado. Assim, “esse ente que é o outro está também aí” (Ortega, 1999, p. 134).

Assim, evidencia-se o caráter coletivo que reside nas operações individuais, ou seja, na inseparabilidade entre o si mesmo e o Outro, visto que não há subjetividade que se constitua desacoplada do contexto em que se produz. Cuidar de si, dar corpo àquilo que transborda, dar contorno aos afetos. Seriam operações que, longe de assumir uma tarefa de autoanálise, de conhecer a si mesmo, contribuiriam para a criação do entre, da relação entre corpos, do entre mundos.

Foucault (2004b) explica que as práticas de cuidado de si visam à produção de um *ethos*, de um modo de ser, e que, em sua face socrático-platônico, se configura como uma prática de conhecer a si mesmo. Porém, uma vez que esse *ethos* delinea a forma como o indivíduo se coloca em sociedade, ela também se configura como cuidado dos outros. Além disso, essas práticas, não raro, contam com o acompanhamento de mestres e amigos, o que mais uma vez marca o campo dos encontros desse dispositivo que é a escrita de si.

Também essas escritas, apesar de serem vistas como práticas ativas de constituição de si, não escapam daquilo que é encontrado na cultura em que o indivíduo está inserido, e são, portanto, esquemas que lhe são sugeridos, propostos e até mesmo impostos pelo *socius*. Aqui, o filósofo pontua a forma como essas práticas, apesar de serem práticas de liberdade, são atravessadas pelo poder. Portanto, cuidado de si “é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (Foucault, 2004b, p. 269).

Tudo isso me toca de forma a desvelar a face interventiva da escrita em si mesmo e no outro, uma vez que, no desenrolar de uma narrativa como técnica de cuidado de si, abre-se caminho para a realização da produção de outros sentidos diante de um contexto, de uma experiência que se vê atravessada por conteúdos de diferentes ordens históricas, econômicas, culturais, enfim, de tudo que compõe a vida. A escrita aliada ao devir, a escrita-devir que atualiza e expande a experiência.

A escrita desse projeto, só se desenrola de tal forma, por encontrar ressonância com tantos intercessores, aqueles que apresento no texto, e também aqueles que, por de trás das linhas, generosos leitores, contribuem para seu desenrolar. São eles meu orientador, os membros da banca de qualificação, colegas com quem pude partilhar uma parte ou outra dessa produção. E assim, atravessada por tantos, se compõe essa escrita. E ao se produzir, produz-se também outra autora, que, com novos agenciamentos, segue expandindo a potência daquilo que se descobre na escrita em cada encontro que se segue. E ao se constituir enquanto texto, material de intercessão, atravessa a tantos outros que se dispuserem a se encontrar com essas palavras.

Dialogando com Sêneca, Foucault (2004a) ressalta que a escrita característica da época imperial era um exercício pessoal feito por si e para si, que tinha um papel de constituir um corpo, de forma que aquilo que foi visto, ouvido ou lido se transformasse “em forças e em sangue” (p. 152), ou seja, admitindo uma finalidade de constituição de si. Esse outro modo de escrita de si, aparece em uma carta de Sêneca a Lucilius, como um exercício racional que se opõe à agitação da mente, à instabilidade da atenção, à mudança de opiniões, ressaltando ainda que: “[...] caracteriza-se também pelo fato de dirigir a mente para o futuro, tornando-a ávida de novidades e impedindo-a de dar a si mesmo um ponto fixo na posse de uma verdade adquirida” (Foucault, 2004a, p. 150).

Essa passagem aviva em mim a lembrança de uma paciente que atendi quando estagiária em um CAPS. Após uma “tentativa de autoextermínio”, como constava em seu prontuário, a menina que tinha a minha idade e acabava de receber um diagnóstico de depressão mostrava-se cabisbaixa durante os grupos e, quando solicitada, falava algo em tom quase inaudível. A procurei para conversar na hora do lanche e, longe dos demais, ela chorou copiosamente e queixou-se por não conseguir se desvencilhar dos pensamentos de matar aquele sentimento que a consumia. Ali, olhando para ela, escutando seu discurso, não percebia uma tentativa de se autoexterminar, mas sim um desejo de matar a dor, exorcizar o sofrimento.

Depois de muito tempo de escuta e acolhimento, questioneei quais atividades ela gostava de fazer quando mais nova e, para minha alegria, ela relatou que tinha o hábito de escrever. Fiz, então, o convite para que ela começasse a escrever, não só os pensamentos ruins, como também fantasias e personagens que ela não conhecesse, vidas que ela não viveu, enfim, tudo que lhe viesse à mente para ser escrito.

Qual foi minha surpresa quando, na próxima semana, ela retornou ao CAPS e veio sorrindo ao meu encontro. Contou que começou a escrever e que isso lhe fez muito bem. Os pensamentos silenciavam quando ela engajava na atividade criativa e ela pôde experienciar, em alguns dias, horas de paz consigo mesma, fato que não acontecia há meses. Longe de pretender dizer que a escrita se apresentou como solução definitiva para aquilo que a afligia, me alegro ao perceber que encontramos um recurso potente que a permitiu dar corpo para aquilo que antes era só intensidade inaudita pedindo passagem para se atualizar de algum modo.

A intenção, quando propus o exercício, era de que ela pudesse encontrar, aliada à sua criatividade, outros caminhos, outras histórias, outros registros que possibilitassem que ela escapasse do discurso repetitivo do adoecimento. Ao dialogar com um corpo escrito e não

mais com sentimentos e palavras de ordem do discurso patológico e racional que a enquadrava enquanto paciente psiquiátrica, ela parecia ter encontrado uma voz outra (talvez a sua própria voz?) que não a da angústia e da lamúria. Percebi que, ao escrever, a menina encontrou uma potência criativa, uma linha de fuga, tal como teorizam Deleuze e Guattari (1996, p. 72):

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano [...] Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem.

Em um movimento ativo, a menina brincava de se distanciar da doença e transfigurava esse processo. Ela nunca compartilhou comigo suas escritas. Alegando vergonha, sempre me procurava para falar da alegria de escrever, mas nunca para compartilhar as histórias. Talvez, ela também estivesse escrevendo sobre aquilo que não se diz. E ficou a lembrança do efeito do nosso encontro, que atualizou uma potência naquele corpo que se via despotencializado, engessado em um adoecimento. Como a escrita, que ela fazia a lápis e papel, exercitando também sua psicomotricidade, foi compondo intensidades, fazendo a menina experienciar o devir.

Em mais uma vinheta da minha história com as palavras, lembrei-me de quando resolvi tatuar, assim que completei 18 anos, uma frase de Nietzsche nas costelas. Minha mãe esbravejou. Não tanto pela tatuagem, mas por ser uma frase. Disse que, em algum momento, eu poderia não mais concordar com aquilo. A impressão que fica em mim é a de que ela achava muito radical cravar palavra qualquer em meu corpo. Eu retruquei, dizendo que se

tratava de uma frase que não poderia perder seu sentido³. A tatuagem em questão, que hoje adorna a costela direita, é “Du sollst werden der du bist”, ou “Torna-te aquilo que és”.

A frase que, originalmente, foi pronunciada por Píndaro (517 a. C. – 487 a. C.), se popularizou na teoria de Nietzsche diante das discussões que o filósofo propõe sobre a questão da genealogia, que seria uma forma de apropriação ativa do passado, como um alimento que poderia produzir tipos diferentes de homem. Nessa condição, contar o passado, realizar uma auto genealogia, não constituiria um relato objetivo, que suporia uma identidade, um “si”, que revelaria um “eu” oculto, mas sim uma estratégia do “tornar-se” (Paschoal, 2015).

Paschoal (2015) salienta que se faz também importante compreender o conceito de vivência não como razão, mas sim como um contraconceito dela, como *pathos*. Assim, o indivíduo-autor não estaria buscando, ao olhar o passado de suas vivências, uma suposta identidade diante da qual se extrairia uma objetividade, mas sim a digestão, o processo de constituição de si, diante das vivências que provocam o indivíduo, em outras palavras, que o afetam.

Assim, é possível pensar que o que ocorre em uma escrita como a deste texto não se atem a uma pretensão autobiográfica ou de autoanálise. Dentro das proposições teóricas de Deleuze, temos um conceito de subjetivação que se dá enquanto dobra, ou seja, que tem relação fundamental com o mundo e os objetos, o que leva à constituição de um “campo transcendental”, em que se forma uma inter-relação, um agenciamento no qual os fluxos de afecções do mundo constituem a subjetividade. (Hur, 2013).

Esse movimento de dobra resultaria na coexistência virtual de planos temporais distintos. Assim, Deleuze entende uma memória que se comporta da mesma forma que o

³ Além do mais, o sentido não está nas palavras, como brilhantemente me lembra o Dami, psicólogo mestre em filosofia membro de minha banca de qualificação.

conceito de duração na obra de Bergson, ou seja, como uma multiplicidade contínua em que as lembranças e perceptos de diferentes tempos coexistem, forjando um cenário no qual passado e presente, coexistentes, produzem-se ao mesmo tempo. Assim, assume-se uma ideia de passados fluídos, que se atualizam no presente. (Hur, 2013).

Com os conceitos de campo transcendental e imanência, Deleuze situa a noção da vida imanente, uma vida indefinida, que não se fecha em uma individualidade, mas que se compõe ela mesma de entretempos, entremomentos, pelos quais se apresenta a imensidão do tempo por onde o acontecimento ainda por vir e já ocorrido se atualiza nos sujeitos e objetos. Uma vida que contém apenas virtualidades. Sendo o virtual não aquilo ao qual falte realidade, mas exatamente aquilo que se empenha em um processo de atualização que lhe dá sua realidade própria, se encarnando em um processo de singularização que compõe os indivíduos (Deleuze, 2016).

É uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, pois somente o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, apesar de não se confundir com nenhum outro. Essência singular, uma vida... (Deleuze, 2016, p. 180)

Assim, tem-se na escrita que relembra, que rememora, simultaneidade de fluxos e produção do sujeito a partir de atualizações da diferença. Assumiria-se, então, uma atividade que cultiva uma estética da existência a partir do devir, em que o sujeito se constitui diante de atualizações de suas memórias. Assim, a memória é aquilo que povoa, que constitui a estrutura da experiência, dando conectividade e dinamicidade entre os fluxos de tempo. (Hur, 2013).

Jardineiro e jardim — De dias úmidos e turvos, da solidão, de palavras sem amor que escutamos, nascem conclusões, à maneira de cogumelos: surgem numa manhã, não sabemos de onde, e olham para nós, cinzentos e ranzinzas. Ai do pensador que não é o jardineiro, mas apenas o solo de suas plantas! (Nietzsche, 2004, p. 241)

Nietzsche (2004) se remete, em sua obra, a um cultivo de vivências, propõe um homem jardineiro de si, que se posiciona de forma ativa diante daquilo que lhe acontece. Esse cultivo seria um processo cujo fruto levaria ao aparecimento de tipos de homens diferentes daquele idealizado pelas configurações de poder. Seria uma forma de, diante das condições de cultura, apropriar-se delas: “[...] retirar delas os pressupostos para se tornar o que é, ou seja, para o reconhecimento e afirmação de uma individualidade que de algum modo ultrapassa os limites estreitos daquele ambiente voltado à padronização” (Paschoal, 2015, p. 39).

Assim, fica marcada a condição histórica do pensamento de Nietzsche, que pensa a produção de homens que seriam o contrário do *décadent*, homem fruto da modernidade, sujeito entendido como mero produto de processos de subjetivação, passivo diante da vida.

Se apoiando nessa ideia de decadência, Byung-Chul Han (2017) entende que, nos tempos pós-modernos, tem-se a concretização desse modo de vida. Em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2017), Han discute sobre o excesso de positividade que caracteriza a vida ocidental e que leva à massificação dos processos de subjetivação em subjetividades empreendedoras de si.

A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. [...] O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. [...] O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (Han, 2017, p. 25-26)

Esse sujeito de desempenho, livre das instituições disciplinares, passa a ser senhor de si mesmo, com o objetivo de promover a si próprio, ou melhor, ser seu próprio empreendedor. Dentre as ferramentas positivas que constituem essa configuração propiciadora de decadência, destaca-se o papel da tecnologia e do excesso de estímulos, informações e impulsos a que se submete o homem atualmente. Esse contexto propicia o desenvolvimento de um estado de atenção modificado que tende ao modelo “*multitasking* (multitarefa)” (Han, 2017, p. 31), por meio do qual a atenção se divide em várias atividades, sem oportunidade de desenvolver a atenção profunda, contemplativa.

Diante do bombardeio de estímulos, não há espaço para o tédio, para o lento, o suspiro e o repouso. O homem pós-moderno, hiperativo, diante de sua inquietação, se despotencializa para a criação do novo e começa a apenas reproduzir. Como observa Han (2017), os desempenhos culturais da sociedade devem-se à atenção contemplativa e, citando Nietzsche, pontua: “Aos ativos, falta usualmente a atividade superior, quero dizer, a individual [...] e, nesse sentido, eles são preguiçosos [...] Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica” (Nietzsche, 2000, p. 235 citado por Han, 2017, p. 53).

Retomando Kafka, Proust, Nietzsche, Benjamin e tantos outros autores consagrados, Han (2021) apresenta outra face do homem decadente neoliberal. Diante da soberania do igual, da massificação dos homens, o *pathos* ou os afetos aos quais estão sujeitos os indivíduos, se despotencializam diante da exigência de uma atenção dispersa que não permite a contemplação.

Intensa Escrita - Por Uma Escrita Menor

A verdadeira felicidade só é possível rompida [gebrochen]. É justamente a dor que protege a felicidade da coisificação. E ela lhe concede uma duração. A dor carrega a felicidade. [...] Se se impede a dor, a felicidade se achata, assim, em um conforto

surdo. Quem não é receptível à dor se fecha à felicidade profunda. (Han, 2021, pp. 31-32)

“Toda intensidade é dolorosa” (Han, 2021, p. 31) e, diante do contexto de competição e individualização que a lógica neoliberal sustenta, percebe-se a imposição e o fortalecimento de uma cultura de felicidade no qual toda narrativa da dor é silenciada. Kafka escrevia quando a angústia não o deixava dormir. Proust e Nietzsche, em suas obras, mostram como a paixão da escrita não é possível sem a dor. Mas diante das demandas do novo tempo, o que se observa é um aumento exponencial de escritas à luz do sol, a saber, literaturas cada vez mais informativas, incapazes de produzir novas linguagens, pois se esvaziam do fluxo que movimenta a narrativa, a poética da dor, da diferença. (Han, 2021).

Talvez, possamos dizer de um contexto em que se capturam os movimentos menores, considerando o conceito de menor sob a ótica apresentada por Deleuze e Guattari (2003). Assim, observa-se uma escassez de literaturas menores, ou seja, aquelas escritas que realizariam um processo de deslocamento, de desvio, de extrapolação de limites. Uma escrita de um desejo que se ergue e se esquivava, em que a narrativa flui e apresenta múltiplas entradas e saídas, diferente daquela na qual o desejo se encontra bloqueado ou submetido, neutralizado.

O filósofo Bernard Stiegler (2009), segundo Han (2020), discute a percepção de que, na soberania do igual em que vivemos, não há espaço para reflexão independente, uma vez que os indivíduos se encontram constrangidos por linhas destinadas a moldar suas subjetividades. Assim, a escrita e a leitura seriam técnicas que possibilitariam uma fuga da massificação imposta pelas novas psicotecnologias de poder, que se caracterizam pelo foco na otimização de processos psíquicos e mentais, exatamente por serem atividades que conectam o indivíduo com um processo contemplativo. (Han, 2020).

Deleuze (1992), por sua vez, diz que “se as opressões são tão terríveis, é porque impedem os movimentos, e não porque ofendem o eterno” (p. 152). Assim, o filósofo

convida para que, no exercício do pensamento, exerçamos movimentos. Para isso, aponta que “o essencial são os intercessores” (Deleuze, 1992, p. 156), ou seja, no processo de pensar, ocorrem interferências entre ideias de diferentes fontes – artistas, filósofos, cientistas, enfim – , mas esse eco, longe de minar o movimento criador, é capaz de operar movimentos.

“É preciso fabricar seus próprios intercessores” (Deleuze, 1992, p. 156), afirma Deleuze, e faz germinar que toda escrita é, antes de ser corpo, sombra. Essa sombra seria a marca dos intercessores, seria aquilo que, “por dom ou captura” (Deleuze, 1992, p. 156), passa a habitar outro escrito, outra obra.

Lembrando que o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari pode operar a partir dos intercessores com os quais nos aliamos, não para repetir o que dizem, mas para se avizinhar deles e fecundar novos modos de pensar e agir. Um pensamento que se diferencia, uma pesquisa em que os afetos são privilegiados e bem-vindos, uma produção de conhecimento aliada à produção de sentidos.

E diante dessa possibilidade, a adolescente que fui, que se viu aprisionada diante de impostos métodos acadêmicos, encontra um intercessor, ou melhor, vários, que sustentam não só a potência criadora da escrita, como advogam a favor da mesma como instrumento de resistência e criação, e porque não dizer instrumento de sobrevivência diante da decadência da soberania do igual.

Diante dessas pistas que se apresentam, caberia pensar na escrita como possibilidade de técnica/cuidado de si que serviria ao propósito de estimular a vida contemplativa, de forma a facilitar a transvaloração dos preceitos de uma sociedade. Se por minha trajetória pessoal essa afirmação parece natural e verdadeira, cabe lembrar, porém, a provocação de Zaratustra, um opositor da soberania do igual, como lembrete da importância de valorizar respostas individualizadas, contextualizadas e que abarquem os afetos daqueles que as procuram:

“Este – é o meu caminho, – qual é o vosso?’ assim respondi aos que perguntavam pelo ‘caminho’. Pois o ‘caminho’ – não existe!” (Nietzsche, 2011, p. 170).

Referências

- Alvarez, J., & Passos, E. (2009). Cartografar é habitar um território existencial. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisaintervenção e produção de subjetividade* (pp. 131-149). Sulina.
- Deleuze, G. (1992). Os intercessores. In G. Deleuze, *Conversações* (pp. 151-168). Editora 34.
- Deleuze, G. (2016). A imanência: uma vida. *Limiar*, 2(4), 178-181.
<https://doi.org/10.34024/limiar.2015.v2.9264>.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs* (Volume 3). Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2003). *Kafka, por uma literatura menor*. Assírio & Alvim.
- Foucault, M. (1982). Tecnologias de si. *Verve*, (6), 321-360. <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017>
- Foucault, M. (2004a). A escrita de si. In M. Foucault, *Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política* (pp. 144-162). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004b). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In M. Foucault, *Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política* (pp. 265-287). Forense Universitária.
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Editora Vozes.
- Han, B.-C. (2020). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Âyiné.
- Han, B.-C. (2021). *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Editora Vozes.
- Hur, D. U. (2013). Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. *Athenea Digital*, 13(2), 179-190.
<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Hur>.
<https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n2.1088>.

- Kastrup, V. (2009). Pista 2: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-31). Sulina.
- Nietzsche, F. (2004). *Aurora*. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2011). Do espírito de gravidade. In F. Nietzsche, *Assim falou Zaratustra* (pp. 167-170). Companhia das Letras.
- Ortega, F. (1999). O si mesmo e os outros: intersubjetividade e constituição do sujeito. In F. Ortega, *Amizade e Estética da Existência em Foucault* (pp. 123-150). Editora Graal.
- Paschoal, A. E. (2015). Autogenealogia: “acerca do tornar-se o que se é”. *Dissertatio Revista de Filosofia*, 42, 27-44.
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8463>
<https://doi.org/10.15210/dissertatio.v42i0.8463>.
- Passos, E., & Barros, R. B. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-31). Sulina.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Clube do Livro.
- Scagliarini, A. P. C. (2015). Quando o ego auxiliar se encontra com o acompanhante terapêutico no país da loucura. In A. P. Freitas (Org.), *Nas trilhas do Acompanhamento Terapêutico* (pp. 23-49). Edição do autor.

Marco Temporal: A Pandemia De Covid-19

Sobre o cartógrafo:

[...] dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (Rolnik, 1989, pp. 15-16)

O ano era 2020. Parece que foi ontem, mas também parece que entre aquele momento e hoje existe uma infinidade de tempo. Estava de casamento marcado para a terceira semana de março: tirei férias da residência, comecei a organizar as malas para mudar da casa de minha mãe para o apartamento recém alugado com meu noivo e me ausentei da cidade para a igreja – que fica na zona rural – para finalizar a decoração do salão. Foi ainda no início dessa semana que aquele vírus que, até onde eu sabia era um problema da China, me alcançou.

Distante das notícias globais, confesso que não estava esperando que algo da magnitude de uma pandemia mundial pudesse assolar a Terra naquele momento. E foi assim, bem distraída e envolvida em sonhos e planos que muito me alegravam, que precisei pausar grandes expectativas e me resituar diante do mundo. Invasa pelo Real, poderiam dizer os psicanalistas. Eu não fui a única, tampouco a primeira.

A rotina até a segunda semana de março de 2020 era bem movimentada. Apesar de estar vivenciando o começo de um processo de adoecimento pela intensa carga de trabalho e ademais situações vivenciadas na residência multiprofissional, havia ainda muitos outros espaços para transitar e desanuviar os pensamentos. Havia os amigos, a família e tantos espaços a serem explorados... Todos ao alcance do meu desejo.

Mas daí um vírus. Pandemia. Isolamento social. Como viver nesse mundo que soa quase pós apocalíptico? Seria esse o início do apocalipse? O fato é que algo se findou, enquanto, conseqüentemente, algo se iniciava. Um “novo normal”, diziam.

A rotina de ir para o hospital - ambiente que se tornou ainda mais adoeecedor diante da crise sanitária - e voltar para casa parecia me engolfar. Álcool em gel. Máscara. Bacia com água sanitária na porta de casa. O primeiro dia que alguém demonstrou pavor em me tocar, ainda na primeira semana de isolamento social.

Sobre o funcionamento dos vírus e sua relação com a humanidade, Deleuze e Guattari publicaram no volume um de seu livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* que nós “fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais” (Deleuze & Guattari, 2000, p. 17). Assim os autores dão pistas do que mais tarde, no volume quatro de *Mil Platôs* (Deleuze & Guattari, 1997) explicariam como processo de involução, o processo de evolução que se dá entre os heterogêneos, propiciando o surgimento de híbridos.

Essa evolução e aliança, que se opõe à ideia de filiação, é a que se dá entre os animais e os vírus, por contágio, assim como entre os seres humanos e os vírus. Os autores ainda dizem que “evoluímos e morremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que devido a nossas doenças de descendência ou que têm elas mesmas sua descendência. O rizoma é uma antigenealogia.” (Deleuze & Guattari, 2000, pp. 19-20).

Fruto de uma involução, a pandemia em sua manifestação passou a ditar um novo ritmo social. Meses se passaram em que grande parte da humanidade tinha relações humanas corporais apenas com aqueles com quem residiam. Mas muitos moram sozinhos. Quais os efeitos do distanciamento? Como fica um corpo que não é tocado? Como se alimenta e fomenta a formação de subjetividade em um contexto dominado pelas relações digitais? E aqueles que não tem onde morar?

No campo subjetivo e social, observamos a busca pelo engendramento de novas práticas que fossem capazes de resituar os impasses à vida do humano no mundo, no plano comum onde se manifestam os paradigmas das forças psíquicas, econômicas, culturais e

tantas outras. As referências implodem e são reconstruídas incessantemente. Momento de intensas movimentações e grande mobilização afetiva. Desterritorializam-se todos.

A desterritorialização pode ser claramente vista, entre outros inumeráveis movimentos, no que Berardi (2020) descreve como a desagregação do ambiente urbano possibilitada pelo distanciamento social, pela descorporalização, a perda do corpo e da relação, geradas pelas medidas de prevenção do Sars-Cov-19. Nesse contexto que facilita a potencialização das tecnologias digitais, abre-se caminho para uma situação de domínio das corporações tecnológicas, instituindo um paradigma técnico totalitário. O filósofo diz que a proxêmica urbana explodiu e, de alguma forma, busca-se recompor essa subjetividade fragmentada. Diante das atualizações que se produzem nos processos de desterritorialização e reterritorialização que engendram a produção de subjetividade, desenha-se a demanda de mapear os efeitos destes processos no plano psíquico. (Berardi, 2020).

Ferreira (2020), que também discorre sobre a ideia de vírus diante da esquizoanálise, lembrando texto publicado por Latour ainda no início da pandemia no Brasil (Latour, 2020 citado por Ferreira, 2020), discute sobre uma confusão que toma conta da sociedade em torno de um “estado de guerra contra o vírus” que parece desprezar o fato que o vírus é apenas um elo de uma corrente. Assim, o autor questiona:

[...] se é para apontar um culpado, se é para eleger uma entidade para ser o emissor de agentes patogênicos, e outra para ser o receptor, então não seria o humano muito mais significativo do que morcegos e pangolins (animais dos quais descenderam o vírus do covid-19), como fonte dos processos ecológicos, tecnológicos, econômicos e fisiológicos que levaram à atual pandemia de covid-19? (Ferreira, 2020, p. 8)

Essa indagação se sustenta em Cohen (2011 citado por Ferreira, 2020), ao afirmar que quando percebemos a história de doenças infecciosas pelo viés dos vírus, escapam as maneiras como “nós estamos no mundo e o mundo está em nós” (p. 22), ou seja, quando se eleger um

emissor-inimigo a um receptor-vítima, sem considerar nossa participação na proliferação viral, a situacionalidade compartilhada, e o “evidente parentesco viral” (p. 22) que temos com esses outros animais, supomos um fluxo unidirecional que não dialoga com a realidade múltipla e rizomática própria dos processos naturais. Ferreira (2020) ainda comenta o relatório da *Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services* - IBPES (2002), o qual indica que apesar das pandemias terem origem com “micróbios” (p. 23) que se atualizam nas interações com animais, “sua emergência é totalmente causada por atividades humanas” (p. 23) e pelas reverberações dessas ações no meio ambiente (IBPES, 2002, p. 5-6 citado por Ferreira, 2020, p. 23).

Essa percepção convoca cada um a um olhar que focalize a si mesmo em sua relação com o mundo. Esse olhar que começa internalizado, alcança a noção de coletividade uma vez que se compreende o processo de individuação e subjetivação como um movimento social, político, econômico, enfim, que se desenvolve mediante condições que interpelam, afetam e determinam a todos.

Diante da constatação da indissociabilidade entre a evolução do vírus causador da covid19 e dos movimentos políticos, culturais, sociais, enfim, múltiplos que atravessam os processos de subjetivação dos homens em sua relação com o meio ambiente, urge a necessidade de reflexão sobre quais caminhos serão possíveis construir ou restaurar para atualizar as possibilidades do sujeito de se vincular ao meio social.

O filósofo Franco Berardi, em sua fala no programa “Conversas na crise – depois do futuro” (2020), explica que estamos em um limite, num lugar de passagem, onde encontramos oscilações de possibilidades tanto no campo econômico e social, mas principalmente no psíquico. Isto pois não sabemos como a mente corpórea irá atravessar essa mutação que a pandemia traz consigo. O filósofo afirma que apesar da multiplicidade de possibilidades que se apresentam, podemos, ou melhor, precisamos imaginar acontecimentos.

Em concordância com essa necessidade de pensar a multiplicidade, Benjamin (2007 lembrado por Pelbart, 2020), reflete que o mais desastroso perante esse cenário de confluência de várias “imagens de catástrofe”, seria de não aproveitarmos as brechas que se vislumbram. Tendo em vista que o presente é composto de linhas processuais cruzadas, também de direções discordantes, que possibilitam os desvios, cabe lembrar Deleuze e Guattari (1996) ao discorrerem sobre a potência do desvio, ao lembrar que por vezes é a partir de fissuras, mesmo em nível molecular, que um conjunto desaba. Lembrando que o molecular apresenta, tanto quanto o molar, potencial inventivo a partir de suas brechas.

Entendendo o vírus enquanto devir, um devir-vírus, também podemos perceber como o patógeno funciona como um vetor de desterritorialização para seus hospedeiros, visto que no encontro do vírus com o humano – ou com o animal - iniciam-se transformações múltiplas, próprias de uma natureza rizomática. Assim, sob a perspectiva do agenciamento coletivo de desejo, pensamos um organismo que se reterritorializa, formando embriões que logo serão novamente desterritorializados, em movimentos que geram alterações efetivas.

Diante disso, comecei a observar os efeitos dessa passagem. Primeiro, um grande silenciamento. Junto com o isolamento social, houve também um distanciamento afetivo do mundo físico que me rodeava, das pessoas que nele habitavam. Mas o afeto não cessa de existir, mesmo que cerceado e impossibilitado de se fazer extravasar. Distraía-me dessa confusão interna pelo consumo de produtos. Filmes, séries, comida. O tempo de meus dias era consumido pelo meu excessivo consumo. Assim inundava o presente com válvulas de escape falhas, incapazes de conter aquilo que se desenrolava internamente.

Ao meu redor, observava entre aqueles com quem mantinha contato movimentos semelhantes. Aumento do consumo pelos meios eletrônicos aliado a uma sensação de impotência e incerteza que paralisava o desejo. O que conseguiríamos criar diante desse

cenário empobrecido? Antes que conseguíssemos encontrar respostas, o consumo nos tomava, despercebidos, e capturava nossa energia em suas atraentes proposições.

Tendo na escrita uma possibilidade de organizar os pensamentos e ampliar a percepção dos processos psíquicos que me instigam ao movimento ou à paralisia, lembro-me de ensaiar por vários meses sentar ao computador e escrever. Mas foram raras as ocasiões em que realmente o fiz. Quando aconteceu, foi de forma tímida, como quem receava o que poderia encontrar naquelas palavras. Praticamente todos esses escritos foram deletados.

Refletindo sobre essa tentativa de me organizar na escrita, fica evidente a parcela de caos, dúvida e incerteza que de alguma forma me atravessavam naquele momento. Diante do processo de desterritorialização que se potencializa diante da pandemia, nada mais esperado do que o experimentar do caos. A escrita, que de alguma forma tentava trazer segurança, como que um caminho para uma reterritorialização, pode ser vista como um ritornelo. Era um ritmo existencial que se apresentava buscando atualizar aquilo que se apresentava.

O ritornelo seria a ação operatória de constituição de um território. Nesse processo, onde se constroem tanto o criador quanto a criação, o ritornelo representa o ritmo que arrasta todo o sistema daquele indivíduo para uma recriação, constituindo uma repetição atualizada, como aponta Deleuze “a repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla” (Deleuze, 1968, p. 127 citado por Araújo, 2006, p. 128). Assim, o ritornelo assume uma função expressiva pois utiliza-se de componentes de um território já constituído, porém de forma a desterritorializá-los para os territorializa-los diferentemente. É diante do conceito de ritornelo que o caos e o ritmo se entrelaçam e tomam forma. Sem o ritmo, sem ritornelo, o contato com o caos absoluto arrasta qualquer homem e desfaz toda e qualquer forma. (Araújo, 2006)

Trata-se, portanto, de um salto do caos, ou de algum território que já não mais abarca tudo que aquele indivíduo comporta, para um novo território que produza sentido. É pelo

ritornelo que nos arriscamos, saltamos de um lugar a outro, atravessamos e improvisamos algo de novo diante do velho, atualizando o virtual.

Deleuze e Guattari (1997) apresentam o conceito de ritornelo de forma que me soa extremamente bela. Contam do cantarolar da criança que, diante de um estado de medo, a leva a um estado de calma. E nesse cantarolar ritmado, capaz de dar contorno aquele corpo infantil que antes se via desprotegido e entregue aos terrores que a assombram, cria-se uma casa, muros sonoros que a protegem. Esse cantarolar não surge do nada, mas carrega marcas e referências de toda espécie. É através dele que o contorno corporal se torna casa e, mais adiante, por onde se abre uma porta que recebe aquilo que ainda é novo e desconhecido. Assim é o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, regido pelo ritornelo, pelo ritmo circular que se apoia “no destaque de um motivo (ou de leitmotiv) existencial se instaurando como ‘atrator’ no caos sensível e significacional.” (Guattari, 1992, p. 29).

Zourabichvili (2004) explica que a arte e a música se tornam pensáveis a partir da relação dos dois estados do ritornelo, sendo eles o estado “territorial ou fechado sobre si mesmo” (p. 51), e o “cósmico ou levado sobre uma linha de fuga semiótica” (p. 51). Com isso, o autor quer dizer sobre o aspecto da diferença da repetição próprio ao ritornelo, uma vez que parte-se do princípio da imanência, do qual não se extrai nenhuma noção de início ou verdade inicial, mas onde toda operação de começo já configura um retorno, revelando o caráter inseparável do subjetivo com o objetivo, do individual e social, enfim, das esferas todas que compõe a vida. Assim, o conceito de ritornelo abraça tanto aquilo que é novo e está por vir quanto aquilo que constituiria uma terra natal.

Ainda de forma tímida, comecei, portanto, a cantarolar minha canção. Se a arte se faz possível pelo ritornelo, tal como a reterritorialização, de forma tímida se inicia em mim o processo de compor uma canção. Canto que saia pelos dedos, pelas palavras que inundavam e

se faziam afirmar em um pedaço de papel qualquer. Tentativas e ensaios para um salto reterritorializante, de forma a escapar da paralisia do caos. Nesse processo que se construiu aos poucos – e segue ainda hoje se atualizando – vale lembrar que “um erro de velocidade, de ritmo ou de harmonia seria catastrófico, pois destruiria o criador e a criação, trazendo de volta as forças do caos” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 116).

No momento da escrita deste texto, em 2022, a pandemia ainda não foi resolvida. Após a vacinação de parcela da população, parte das atividades sociais é retomada: escolas e universidades retomam aulas presenciais, empresas convocam seus empregados a retornarem ao espaço físico ou oferecem oportunidade de jornada mista em *home office*, algumas cidades flexibilizaram o uso de máscaras, o sistema de saúde encontra menor demanda pelo vírus Sars-Cov-19, apesar de ondas da doença ainda serem uma ameaça. As variantes do vírus não param de se multiplicar, revelando o intenso processo de involução que se dá no encontro dos homens – e suas vacinas – com o vírus.

É ilusório acreditar que essa retomada dê conta de todos os efeitos que os dois anos de pandemia instalaram tanto no campo subjetivo e psíquico, quanto a um nível social, cultural, econômico. O “novo normal” que se busca estabelecer, precisa ser questionado. Os homens se conscientizaram de seu papel como elo da corrente no desencadeamento da pandemia? Ou o capital, mais uma vez, se atualizou de forma a capturar e se infiltrar por todas as brechas que se esgarçaram diante da catástrofe?

Krenak (2022) discute a noção idealizada de novo normal como um sintoma capitalístico muito próximo ao negacionismo, uma vez que nega o que se está vivendo e aspira um outro lugar que não esse, ou seja, algo que escapa ao real, constrói-se uma fantasia. A noção de estabilidade apregoada pelo capitalismo e utilizada como argumento para sujeição dos homens, motiva essa busca por uma restituição, pela busca de algo que se perdeu. Mas cabe questionar: o que vale a pena ser resgatado do normal anterior a pandemia?

Assim, Krenak (2022) advoga pela coragem em viver a vida mediante uma compreensão do tempo como aqui e agora, ou seja, a coragem de construir a partir do momento presente, da realidade que me circunda, e não a partir da ideia apregoada de estabilidade e segurança que busca manter o homem do capitalismo submetido a um *status quo*. O tempo do capital não está integrado com o sujeito, tampouco com a natureza, uma vez que busca a fantasia de controle. É preciso lidar com a realidade para não desperdiçar tudo aquilo que se vive no agora. E a realidade não propõe estabilidade, pelo contrário. Assim, se agarrar a essa falsa promessa é aceitar uma chantagem que nos submete a um sistema que só pode oferecer um amanhã incerto e uma noção fajuta de segurança.

Berardi (2021), por sua vez, defende ser urgente pensar como se desenvolverá a subjetividade diante desse prolongado trauma que é a pandemia e seus efeitos dentro do sistema neoliberal. O que ocorre com a humanidade que recebe a informação que o corpo do outro é perigoso? Ainda que já existissem paradigmas que de alguma forma viam o corpo (próprio ou do outro) como perigosos, tal como o cristianismo, trata-se agora de algo novo. Um mandato científico, global e generalizado. Trata-se de um trauma onde se redefine a percepção do nosso corpo e do corpo do outro. Entendendo que essa transformação se dá de forma quase que automática devido à alta capacidade de circulação da informação nos tempos atuais, o que acarreta num empobrecimento da capacidade de deliberação e sensibilidade dos homens diante da vida e dos afetos, o filósofo defende a necessidade da humanidade voltar a exercer sua capacidade crítica para interpretar o mundo.

Entendo a provocação de Berardi (2021) assim como as reflexões de Krenak (2022) como convocações para os corpos e suas afetações. Para o viver de uma vida selvagem, como diria Krenak. Aquela vida que não só se submete ao que lhe é exterior, mas que com ele interage e, através de sua sensibilidade e capacidade crítica, constrói para si estratégias de sobrevivência, sejam elas biológicas, afetivas, psíquicas, artísticas, enfim. Talvez nem seja

preciso dizer que essas linhas de pensamento não são fruto apenas do contexto pandêmico, mas sim de todo sistema que a antecede e que se vê, de diversas formas, fortalecido diante das estratégias de isolamento e ascensão das tecnologias.

Se existe potência no encontro dos corpos, se há possibilidade de criação e transformação no encontro das massas, tudo isso se vê empobrecido no contexto no qual deve-se privar dos encontros físicos. Enquanto os contatos se dão em uma realidade cada vez mais digitalizada, não podemos nos esquecer do quanto essas tecnologias estão, todas, a serviço do capital. Seria então mais uma perda para a capacidade inventiva dos homens, mais um golpe contra a vida, mais assujeitamento.

Tais reflexões me conectam com aquelas primeiras observações que fiz sobre mim e sobre aqueles que me rodeavam no início da pandemia e que compartilhei acima. O desejo que, impossibilitado de se fazer realizar, logo se via capturado pelo consumo. Diante do aprisionamento gerado pela pandemia, pelo tédio compulsório e a falta de opções de lazer, submergi no mundo digital pelo consumo de séries, jogos, filmes, enfim, diversos tipos de conteúdos digitais que consumiam meu dia e meu tempo na mesma voracidade com a qual eu os consumia. Isso sem mencionar a dependência dos aplicativos de entrega.

O incômodo era frequente. Algo em mim me dizia que era preciso silenciar todas essas parafernalias tecnológicas. Nas conversas com os amigos, todos pareciam sentir o mesmo incômodo. Mas eu parecia não conhecer o caminho para fazer diferente, eles tampouco. A cabeça cansada, o corpo dolorido do sofá, os olhos ardendo, a insatisfação e falta de motivação crescendo, mas ainda assim, era difícil demais diminuir o ritmo. “O vício algorítmico e tecnológico existe. E me capturou.”, pensei.

E daí em alguma felicidade algorítmica, encontrei um rapaz, “artista-educa-dor do corpo”, no Instagram. Danilo Patzdorf pouco depois publicou um “Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados”. Essa leitura, aliada a tantas outras que estava fazendo

nessa época, já no final de 2021, com mais de um ano de pandemia “nas costas” e engajada nos estudos do mestrado, com certeza operou como catalisador de um processo que se desenrolava diante dessas discussões aqui apresentadas.

Não se tratava de um vício, pura e simplesmente. Não se trata (apenas) de algo físico ou químico, mas se trata de um projeto de desencantamento. Uma artimanha do capital. “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”, diziam os mais velhos. “Quando algo é de graça, o produto é você”, me lembro de ouvir nessa mesma época.

Minha área de interesse, ou melhor, meu gatilho principal mediante a situação em que me encontrava passou a ser o sistema neoliberal e suas artimanhas. O que me motivava e me implicava em meus exercícios de pensamento e de pesquisa eram os efeitos psíquicos e físicos que me perturbavam e, havia descoberto eu, estavam todos emaranhados e estruturados na conjuntura contemporânea em que vivemos. Os agravamentos eram todos frutos de um regime afetivo, político e social. E doíam.

Que descoberta essa minha! Sempre tão óbvia e racionalmente compreendida, mas nunca antes sentida com tanta violência. É isso. A violência com que se alojou em mim esse vírus, não da doença, mas o vírus que captura e subjuga as subjetividades todas. O aprisionamento, o rompimento do fluxo, dos processos naturais da vida humana no mundo. Tudo agravado pelo isolamento, pelo silêncio e pelo consumo desenfreado que buscava preencher o buraco que se alargou diante da nova rotina.

Patzdorf (2021) fala em corpos esgotados, sedentários, distraídos e carentes. Corpos esses que somos todos enquanto sujeitos de uma sociedade neoliberal com seus mecanismos somatopolíticos de produção e controle da corporalidade. Não se trata, portanto, de culpabilizar o indivíduo por falhar em administrar sua própria vida – moral essa que nos é constantemente oferecida pelo modelo neoliberal do homem como empresário de si, como lembra Han (2020). A identificação dos corpos feita por Patzdorf aponta os efeitos da

interação do homem com as estruturas que impedem o bem viver, sendo elas o mercado, o Estado, a desigualdade, o ecocídio e as tantas formas de opressão, exploração e subalternização.

Teríamos então o corpo esgotado que, além da grande carga de afazeres domésticos, familiares, escolares, pessoais e profissionais, se esgota também pelo esgotamento de sentido decorrente da lógica produtivista do capitalismo, que submete os indivíduos a um modo de vida genérico e alienado, mecanicista e desencantado. Além disso, constitui-se também o corpo sedentário que, sustentado pela lógica de terceirização e automação, busca como meta permanecer em seu estado sedentário, sendo assistido por uma rede de trabalhadores e máquinas que realizam aqueles trabalhos que o corpo sedentário se rejeita a fazer. Ao invés de questionar a distribuição assimétrica do sedentarismo, o homem passa a buscá-lo, sem perceber que retroalimenta a estrutura hierárquica e desigual que compõe a sociedade. (Patzdorf, 2021).

Outro corpo cartografado por Patzdorf (2021) é o corpo distraído, que seria aquele cada vez mais comum na era das telas. É o corpo da musculatura atrofiada decorrente da postura sentada e da hipertrofia mental decorrente do uso exagerado dos sentidos da audição e da visão em decorrência do ciclo de uso de telas. Alimentado pelo capitalismo cognitivo que captura a atenção dos homens com seus diversos estímulos, o corpo distraído vai perdendo a capacidade de concentração e também desaprende a descansar e se distrair, uma vez que associa os momentos de descanso ao uso de telas que, invariavelmente, exploram todo e qualquer uso para geração de capital. Essa dinâmica esconde uma estratégia de controle cujo lema é “divertir-se para melhor obedecer/consumir” (Patzdorf, 2021, p. 10).

O quarto e último corpo descrito é o corpo carente. Fruto de uma sociedade cada vez mais urbanizada e eletrificada, o corpo carente sofre de privação sensorial, da privação do toque humano. Fruto dessa privação é uma insatisfação crônica diante da vida, uma vez que

comprovadamente o toque se mostra fundamental para a autorregulação hormonal e emocional dos sistemas vitais. Muitas vezes, a resposta a essa insatisfação é, mais uma vez, o aumento do consumo, na busca desenfreada por algo que supra essa sede, essa “fome de pele”. Essa conversão da privação sensorial em consumismo é vã, uma vez que tal desamparo não pode ser preenchido por nada além do contato humano. (Patzdorf, 2021).

Percebo em mim os quatro corpos cartografados. O corpo esgotado que vez ou outra mergulha em grandes bolhas de insatisfação, olhando ao redor e não encontrando sentido na maior parte das atividades realizadas. Aquele corpo que, obediente, cumpriu com a proposta familiar de estudar e se graduar para daí então alcançar algo que nunca foi dito, alguma utopia de estabilidade, de felicidade, de plenitude, que, hoje sei, nunca será alcançada. O corpo distraído que insiste em perder precioso tempo de vida vidrado em redes sociais e suas inúmeras inúteis distrações, que parecem, em dado momento, agravar ainda mais o sentimento da falta de sentido com que vive o corpo esgotado.

O corpo sedentário que parece ganhar mais força diante do vazio sentido pelo corpo esgotado e da estafa vivenciada pelo corpo distraído, que, tendo comida em casa, pernas, braços e plena capacidade de operar, opta pelos aplicativos de entrega, pela contratação de pessoas para realização de serviços mínimos, que facilmente poderiam ser realizados por um corpo com plena saúde e tempo livre.

Mas o tempo livre já não existe. Foi capturado. Livre ele não é. Já está comprometido e viciado em ser apropriado pelas telas. Diante de tudo isso, como não ter um corpo carente? Se o tempo é consumido pelo trabalho e pelo estudo e, mais tarde, o que resta é capturado pelas artimanhas tecnológicas do capital? Quando é que os corpos se tocam? Quando é que se permite encontrar um outro corpo?

No entanto, as perguntas redigidas acima não conversam com todas as realidades. Os corpos cartografados por Patzdorf (2021) representam corpos que, em menor ou maior grau,

detém poder de compra. Isso pois não são todos que tem acesso às tecnologias ou que podem optar pelo sedentarismo ou pela distração compulsória. Claro que enquanto seres interligados que somos, de alguma forma o balançar em qualquer ponto da rede leva vibrações por toda a teia. Mas, e aqueles corpos que sequer tem casa para se isolarem? E aqueles que não tem meios digitais para se comunicarem? Como é preenchido o tempo daqueles que perambulam pelas cidades agora esvaziadas?

Silva (2020) comenta sobre a realidade da população em situação de rua diante da cidade esvaziada. Além de apontar a óbvia falta de políticas públicas de cuidado a essas pessoas por parte do governo, diz da dificuldade que essas pessoas encontram de ter acesso ao básico agora que, muitos dos pontos fixos onde recebiam algum auxílio, encontram-se fechados ou ociosos, desabitados. São pessoas que não tem casa para poderem atender aos apelos dos governos e órgãos de saúde para que todos fiquem em casa. Muitas das vezes, tampouco tem acesso a torneiras, então, como lavar as mãos? Portanto, são pessoas que estão em movimento. Pelas ruas, deambulando, a procura de sobrevivência e, podemos imaginar, também de encontros, de algo que as tire da situação de invisibilidade e solidão.

Silva (2020) já esteve em situação de rua e comenta que para ela e para muitos que vivem nessa situação, o olhar do outro, muitas vezes pelas ações de solidariedade, é que oferece a sensação de ser alguém existente, visível, palpável, participante, enfim, do mundo e da vida pública. Diante do aumento da invisibilidade gerado pelo esvaziamento das cidades na pandemia, o sentimento é de solidão. “Essa solidão deles é a da falta, da falta daquilo que conseguiam. Agora o delírio vem de mais uma confirmação: de que realmente eles estão à margem da margem.” (Silva, 2020, p. 7).

Pensemos também nos corpos dos profissionais essenciais e profissionais da linha de frente de enfrentamento ao COVID. Motoristas, cozinheiros, agentes penitenciários, funcionários de limpeza, caixas de supermercados, entregadores, seguranças. Enfermeiros,

médicos, psicólogos, porteiros, maqueiros, radiologistas, nutricionistas, fisioterapeutas, assistentes sociais. Tantos que não tem a opção de parar, pois, pra além de qualquer compromisso ético travado em suas respectivas profissões, precisam do salário para o sustento de si e de suas famílias. Como é atravessar a cidade vazia? Como é encontrar corpos atrofiados pelo medo do encontro? Com qual coragem se revestem para ir e voltar para suas casas?

As pessoas privadas de liberdade, em celas pouco ventiladas, superlotadas e com acesso limitado à água... Como ficam? Em sua maioria as estratégias de prevenção sugeridas pelos estados são de suspensão das transferências entre unidades, interdição de visitas e a interrupção das atividades em grupo, como as esportivas, educativas e religiosas. Além das considerações sobre os impactos de tais medidas na saúde mental dessas pessoas e de seus familiares, há de se considerar sua ineficácia diante das recomendações para pessoas livres: distanciamento social e práticas de higiene. Em um contexto de superlotação e sobrecarga do sistema prisional, além da fragilidade da assistência em saúde oferecida a tais pessoas, fica evidente a ineficácia das ações propostas e o descaso com que a vida dessas pessoas está sendo tratada. (Sánchez, Simas, Diuana, & Larouze, 2020).

Em tempos pandêmicos com toda certeza se agrava o corpo carente e, conseqüentemente, todos os outros corpos cartografados por Patzdorf (2021). Mas quantos outros corpos poderiam ser cartografados? Entendendo que os corpos aqui apresentados representam um recorte da realidade, o que mais poderia se descobrir diante de cada particularidade que se apresenta? Cenário de adoecimento, enrijecimento, medo e paranoia. Para onde foi toda potência e alegria dos corpos? Foram usurpados. Fala-se em pandemia de saúde mental, de ansiedade e depressão. Mas não é tudo fruto do isolamento. Ele agrava, com toda certeza, a manifestação do adoecimento humano. Mas cabe lembrar o que nos relembra

Ferreira (2020) sobre a relação entre a evolução do vírus e a evolução do homem e sua invariável correlação. Vírus como elo de uma corrente.

As incongruências pré-existentes, a superlotação das prisões, a invisibilidade da população em situação de rua, a sobrecarga dos profissionais de saúde, a essencialidade de tantos profissionais que, muitas das vezes, são mal remunerados, a dependência das telas, enfim, todo o regime político que cerceia os corpos e reduz sua potência ao pó, aparecem agora de forma mais escancarada para os olhos atentos. Mas muitos não têm saúde para ver. E tantos outros, mesmo vendo, não tem condições sequer de se enfurecer, pois precisam, antes de qualquer coisa, sobreviver.

Diante disso, quais brechas se vislumbram? Através de fissuras um conjunto desaba. Mas o capital se atualizou. Ele não parece demonstrar sinais de que irá retroceder, muito menos desabar. Portanto, como aproveitar as fissuras internas de cada homem, mulher e criança? Como potencializar o canto dos ritornelos? Como aproveitar a constatação do esgotamento e da carência dos corpos para potencializá-los e produzir a diferença em cada uma vida?

Referências

- Araújo, F. (2006). *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade*. Edição do autor.
- Berardi, F. (2020, 19 de agosto). *Como pensar no futuro com a pandemia? Paulo Markun conversa com o filósofo italiano Franco Berardi. Ciclo conversas na crise - depois do Futuro* [Vídeo]. YouTube.
https://www.youtube.com/watch?v=y9qASMk8eeQ&ab_channel=UOL
- Berardi, F. (2021, 25 de março). *A ruptura antropológica e o colapso econômico global. Oportunidades para recodificar as vidas* [Vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=V0rAj8qFnVA>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 3). (A. G. Neto, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980)
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 4). (S. Rolnik, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980)
<https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2000). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). (A. G. Neto, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980)
- Ferreira, P. P. (2020). Entre vírus e devires: a pandemia como informação. *Revista ClimaCom*, 7(19), 1. <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/pandemia-comoinformacao>
- Guattari, F. (1992). *Caosmose – Um novo paradigma estético* (Coleção TRANS). (A. L. de Oliveira, L. C. de Leão, Trad.). Editora 34.
- Han, B.-C. (2020). *Sociedade do Cansaço* (2ª edição ampliada, 7ª reimpressão). Editora Vozes.
- Krenak, A. (2022). *BOM PARA TODOS! Uma nova forma de pensar, com Ailton Krenak*

[Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=8Ik8hNQirls>

Patzdorf, D. (2021). *Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados*. Paisagens Colaborativas.

<https://paisagenscolaborativas.files.wordpress.com/2021/11/pequenomanual-de-autocuidado-para-corpos-esgotados-danilo-patzdorf-final-e-revisadodanilo-patzdorf-casari-de-oliveira.pdf>

Pelbart, P. P. (2020). *Espectros da catástrofe. Pandemia Crítica*. N-1 Edições.

Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*.

Editora Clube do Livro.

Sánchez, A., Simas, L., Diuana, V., & Larouze, B. (2020). COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública? *Cadernos de Saúde Pública*, 36(5), 1-3.

<http://doi.org/10.1590/0102-311X00083520>

Silva, C. (2020). *Sete verbos para se conjugar o morar*. N-1 Edições.

Zourabichvili, F. (2004). *O Vocabulário de Deleuze*. (A. Telles, Trad.). Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação.

A Busca Por Uma Saúde E Seus Movimentos Aberrantes Diante Da Subjetividade Capitalista

“Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós.” (Nietzsche, 2011, p. 16).

Desde menina um sonho de algo que não sei dizer, tampouco escrever. Me lembro de palavras em um muro branco, um pensamento que me era estranho, um jeito de ser que não me pertencia. E então o despertar, o medo. O choro? Alguma vez eu chorei? A paralisia. Adrenalina pulsando nas veias, olhos estatelados. Estado de alerta. O corpo em tremor sentia o perigo à espreita. Um arrepio inconstante, que formava relevos, mapas sobre a pele.

Esse sonho deixou de acontecer em algum momento. Às vezes o que me assaltava era o jeito de ser que não me pertencia, o pensamento estranho e, ainda assim, familiar, visto que me remetia a mim, nos sonhos aparentemente sem conteúdo da infância. Um dia pensei se não seria um sonho memorial da inundação de intensidades que atravessa todo aquele que nasce humano, demasiado humano. Memórias de um tempo sem referência, lampejos de um corpo sem órgãos que fazem estremecer a identidade que começa a se delinear. E o muro branco repleto de palavras grosseiramente pichadas. Dores de parto. Registros de um Fora a moldar um Dentro.

O Corpo sem Órgãos (CsO) é um conceito importante na obra de Deleuze e Guattari. Trata-se de um corpo intenso e intensivo, que se opõe mais à organização de órgãos chamada organismo do que aos próprios órgãos. Ou seja, opõe-se ao funcionamento identificado do homem sujeito, onde cada órgão compõe seu lugar. O CsO é o limite do corpo vivido, e também não “é um corpo próprio, já que seus devires desfazem a interioridade do eu” (Zourabichvili, 2004, p. 15).

Um corpo limite, impessoal, que “remete a uma potência invivível como tal, a de um desejo sempre em marcha e que nunca se deteria em formas” (Zourabichvili, 2004, p. 15).

Seria um corpo detentor da potência afirmativa da vida. Esse corpo opera movimentos de repulsão dos órgãos, ou seja, daquilo que o endurece, mas também opera atrações, uma vez que esses mesmos órgãos ao atravessar o CsO, se inscrevem sobre ele como estados intensivos. (Zourabichvili, 2004).

O *socius*, por sua vez, é apresentado por Deleuze e Guattari (2010) como um corpo pleno cuja dinâmica é de um jogo de forças entre segmentariedades duras e segmentariedades flexíveis. Esses segmentos duros compõem conjuntos molares (Estado, classes, instituições) que se atualizam diante de elementos moleculares, da micropolítica. As linhas que, emaranhadas, compõe a nós, indivíduos e coletivos, seriam linhas que, em diferentes graus de intensidade e de velocidade, nos atravessam e, em passagem ou em permanência, fabricam territórios existenciais, ou seja, modos de ser e de estar no mundo. Essas linhas podem ser duras, flexíveis e de fuga.

Interessa neste momento as linhas duras e suas capturas. Os ideais, os costumes, os papéis pré-definidos, as regras todas, enfim, que marcam uma sociedade, dizem respeito a essas linhas duras. É uma linha excludente, que opera pela lógica do ou isso, ou aquilo. Não uma linha que flui, mas que codifica, captura, determinando posições bem delimitadas. (Deleuze & Parnet, 1998).

A linha dura carrega consigo um perigo que lhe é exclusivo: o Medo. A rigidez da dureza leva a uma sensação de segurança, uma vez que se torna previsível, codificada. Pelo medo, os indivíduos repelem a fuga, aquilo que propõe a desestabilização de seus códigos. No entrelaçar das linhas, nos atravessamentos que as linhas flexíveis e de fuga realizam nas linhas duras, afetos são gestados. O Medo aparece aqui como filho do enrijecimento, produto de seus cortes. (Deleuze & Guattari, 1996).

Anos mais tarde do sonho narrado no início do presente texto, já cursando a graduação, descubro em mim uma inegável atração pela loucura e por tudo aquilo que escapa,

que de alguma forma desliza diante das normas, e passo a buscar caminhos que me atravessem nesse lugar. A descoberta por essa atração se dá no primeiro período do curso de psicologia, onde em uma determinada aula um colega psicólogo compartilha sobre seu trabalho enquanto Acompanhante Terapêutico de um jovem, relatando um atendimento no qual acompanhante e acompanhado fizeram uma incursão pela cidade, andando de ônibus, rumo a conhecer a biblioteca da cidade e suas mil possibilidades. O relato, repleto de minúcias sobre as peculiaridades daquele trabalho, me desperta uma certeza de que um dia seria eu a desbravar esses territórios, a trilhar por essa clínica imprevisível e diversa.

Curiosa, procuro e encontro caminhos, perguntas e respostas que dialogam profundamente com os grandes “para quês” que pululam em meus diálogos internos. Em âmbito profissional e pessoal, se é que há alguma divisão entre eles, inicio um movimento de aventurar-me por entre aqueles que de alguma forma se diferenciavam daquilo com que eu já havia me encontrado, que me era familiar.

Deleuze e Parnet (1998) dizem que os marginais se instalam sobre as linhas flexíveis, “fazem dela sua propriedade” (p. 113). Dessa imersão, devires tantos e dobras outras. A razão cedendo espaço, assisti surgir em mim outra linguagem. Acostumada a corporificar meus afetos e pensamentos pela escrita, comecei a perceber sentido no movimento de meu corpo, naquilo que não precisava de palavras para se corporificar, o gesto. Instalou-se em mim um corpo fluido. Não fui eu quem fiz, mas fez-se. Sabe quando o vento sopra? De repente nasce a voz do vento, numa curva, num perigo, numa fresta.

Cadernos dessa época, registros, se encontram cheios de reminiscências. Fragmentos do que se passou, algumas fantasiosas, outras nem tanto, lembranças. Também rastros

garatujas¹, descobri. Aquele rabiscar livre da criança, a linha aberta para o devir. Pistas que tantas vezes escapam diante da percepção racional e objetiva da realidade. Assim fluindo fui.

Figura 1

Garatujas Qualquer



Fonte: autoria própria.

¹ “A linha garatujada é aberta para o ser do devir, o corpo da criança faz do espaço um suporte para si, os rastros são múltiplos. São sons, grafismos, movimentos, marcas e narrativas-acontecimento, pistas de uma criança molecular que ao desenhar/garatujar também dança, canta, narra, performando o traço em devires outros que perpassam seu corpo disponível ao devir... Linha... corpo... garatuja...” (Santos, Garlet, & Cardonetti, 2020, p. 6).

Fluindo, buscava, sem saber, a fabricação de um Corpo Sem Órgãos (CsO). Pretensão aventurosa e arriscada, constituir um CsO. Seria um movimento que exigiria prudência, uma vez que trata-se de uma operação de raspagem daquilo que enrijece, que captura e determina enquanto, no outro extremo, vê-se que o único que vivencia o CsO como tal, seria o catatônico ou o esquizofrênico, para os quais a referência explode e a linha de fuga se apresenta como buraco negro, dilacerando todo emaranhado dançante das linhas duras e flexíveis que constituem a subjetividade.

Deleuze e Guattari (1996) alertam:

Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente. [...]. Isso porque o CsO não pára de oscilar entre as superfícies que o estratificam e o plano que o libera. Liberem-no com um gesto demasiado violento, façam saltar os estratos sem prudência e vocês mesmos se matarão, encravados num buraco negro, ou mesmo envolvidos numa catástrofe, ao invés de traçar o plano. O pior não é permanecer estratificado — organizado, significado, sujeitado — mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. (pp. 21-22)

Uma noite qualquer, engolfada em meus próprios pensamentos, senti meu corpo como fumaça, blocos de Eu, separados, espalhados, e entre eles, um rio que corria sem controle. “Tentar ter o controle já é o início do descontrole”². Essas intensimagens do corpo em blocos se cravaram em minha carne. Desespero. Paralisia. Mais uma vez medo. As bordas esfumaçadas não ofereciam segurança alguma. É isso que é enlouquecer?

Meses antes de encontrar-me (ou perder-me?) em uma espécie de ponto de saturação, estive enquanto acompanhante terapêutica de um rapaz, pouco mais jovem que eu. Algo em

² Ouvi essa frase na série Sessões de Terapia. No dia que escrevi essa parte do texto a escrita evocou essa frase-mnemônica.

mim me diz que foi ali. Vivendo a tão sonhada clínica nômade em sua diversidade, vi as bordas fluidas com as quais vinha me compondo desde a graduação se contraírem como borracha diante do gelo. O que era elástico, se enrijeceu e, ao mínimo manuseio, ameaçava se estilhaçar.

Apenas para situar o leitor, tratava-se de um jovem com diagnóstico de psicose devido ao uso de múltiplas drogas. O acompanhei por algumas semanas enquanto estava internado em instituição psiquiátrica, logo após a eclosão da crise psicótica. O rapaz, que havia atentado contra a vida de sua mãe, dizia de uma voz que lhe determinava matar todas as mulheres e contava com impressionante precisão e eloquência sobre seus atos, pensamentos e, inclusive, o gosto que sentiu ao praticar as agressões.

A definição de transferência maciça (Carrozzo, 1991) nunca foi tão óbvia, tão concreta e aterrorizante. Meus encontros com a loucura sempre foram revestidos de uma espécie de fascínio que culminava em uma mistura difícil de resistir. Muito me alegrava o trabalho como acompanhante terapêutica, mesmo diante de contextos tão áridos e dolorosos. Prazer em conhecer vidas tão diferentes, possibilidades outras, de viver o novo na vida de alguém, de descobrir forças desconhecidas. Mas ali, junto daquele rapaz, houve um acoplamento. E então mais uma vez o medo. Medo de indiferenciar-me.

Não se pode falar neste trabalho [o acompanhamento terapêutico] sem tocarmos no tema do medo; a princípio acreditamos que das almas de outro mundo que habitam o universo delirante e alucinatório de nossos clientes, depois descobrimos que o medo maior é mesmo o medo da alma do outro. (Camargo, 1991, p. 57)

As narrativas que envolviam a história desse jovem se revestiam de misticismo. Tanto ele quanto sua rede de apoio traziam histórias que eram atravessadas por aspectos religiosos e transcendentais. Neste mesmo tempo, em minha vida, desenvolvia-se um campo intuitivo e espiritual, fruto de minhas buscas por aquilo que se diferenciava do familiar. Diante disso,

razão ou intuição? Sonhos ou viagens astrais? Contratransferência ou obsessão espiritual? Isso³ é dele ou é meu? Entre a fumaça do que um dia foi fronteira, o não saber fez morada. Naquele momento, me soava perigoso. Naquele papel, eu não mais servia. Me senti presa e segui girando no meu próprio eixo, numa desorientação despoticizada.

Mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas os efeitos dessas composições e decomposições: sentimos alegria quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia se encontra com a nossa alma e com ela se compõe; inversamente, sentimos tristeza quando um corpo ou uma ideia ameaçam nossa própria coerência. (Deleuze, 2002, p. 25)

Logo encerrei o acompanhamento com o rapaz. Porém, percebi que, passados 6 meses, ainda me via profundamente mergulhada em todo aquele conteúdo que vivenciei junto a ele. Que uso faço daquilo que me acontece enquanto acontece? Em meio ao não saber, desenrolaram-se linhas de conquista de mim mesma no sentido da afirmação da vida, afirmação de um desejo, uma busca por efetivar aquilo que potencializa, em oposição aquilo que intoxica, ainda que garanta privilégios diante de um *status quo*.

Em um movimento reativo, guiado pela necessidade de conservação, a razão foi convocada para me proteger, para se opor aquilo que tomava o corpo. Com pressa, faço movimentos que operam uma desconfiança que mina toda força que busca se afirmar. É a postura do ressentido na teoria de Nietzsche. Elegi um inimigo, uma força que feria e

³ ISSO o quê? A segunda tópica de Freud apresentou ao mundo os conceitos EGO, ID e SUPEREGO (ICH, ES e ÜBER-ICH), cuja variação mais literal de sua tradução para o português é: EU, ISSO e SUPEREU. Enquanto o EU é aquilo que o EU sabe sobre si mesmo, o ISSO é a parte estranha e desconhecida do sujeito. O ISSO é exatamente ISSO que não sabemos como chamar ou falar a respeito de nós, mas que reconhecemos quando vem à tona... É ISSO! — exclamamos. Na vida cotidiana, é comum usarmos a palavra ISSO para, de algum jeito, poder falar de algo sem ter que se comprometer em falar desse algo. O ISSO é uma não-elaboração, e com ISSO aumentamos o risco do desentendimento, tão inevitável em qualquer conversa. Se você diz alguma coisa, e o outro concorda dizendo “sim, é ISSO!”, experimente perguntar: “ISSO o quê?” O ISSO de um nunca é igual ao ISSO do outro. E tudo bem, assim se constrói um diálogo. O meu ISSO e o seu ISSO se escondem na subjetividade de cada um e só ganham forma e textura quando, através da linguagem, emergem para o EU consciente. Um dos axiomas mais importantes da psicanálise é “Wo Es war, soll Ich werden” — que pode ser lido da seguinte forma: “Ali onde ISSO era, o EU deve advir”. E então... O que fazemos com ISSO? Texto publicado por Lucas Liedke (@lucasliedke), psicanalista, no Instagram, em 24 de setembro de 2020.

arriscava minha sanidade. A complicação é que esse tipo de leitura gera um apego exatamente aquilo que se tenta combater. Os afetos negativos passam a corporificar o indivíduo, afinal, o movimento do ressentido nada mais é do que uma tentativa de manter íntegra sua identidade diante daquilo que o provoca.

A postura paranoica que me tomou alimentava uma busca por coesão, por unificação. Diante da fragmentação que sentia em meu corpo de fumaça, busquei por acabar com o caos que ameaçava a identidade. Foi nessa época que, naquela noite acima citada, onde os blocos de Eu me perturbavam o sossego, que num movimento compulsivo, entre lágrimas e soluços, escrevi o seguinte:

Percebo que as pessoas escrevem porque transbordam

Há tempos tenho contido a escrita

Alargado as bordas

Pra fazer caber

Tanto, mas tanto

Que rachei

E pelas fissuras fendas transbordo

No peito, profundo,

Fissuras, fendas

Transbordo

Tudo isso por conter o fluxo

Barreira de concreto em peito orgânico

Fragilidade

Desencanto

O ar que liberta é o mesmo que sufoca
Tenho medo de enlouquecer.
Procuro a superfície, mas não encontro onde me segurar.
E agora já não me acho.
Mas resta uma luz.
Me jogo na esperança de ter uma cama
Uma grama, aonde cair
O privilégio é uma nuvem que sempre me deu carona
E agora chove.

AÇÃO

ou paralisia

A dor da partida rasga

Separação

Unificação

Esse desejo por separação e unificação, a busca pela superfície. As bordas que, de tão alargadas, se abrem de forma brusca, em um rasgo, produzindo fissuras. Talvez fosse um ensejo de ensimesmamento, unificar-me em mim e separar-me do Outro. Tentativa de encontrar a qualquer coisa que remetesse a um “eu”, que garantisse algum mínimo de estabilidade. Não podia mais estar integralmente entregue ao fluxo.

E aqui, diante do Medo de enlouquecer, há mais uma vez o recrudescimento das linhas duras, das estruturas molares. Disseram Deleuze e Guattari (1996) que “quanto mais a segmentaridade for dura, mais ela nos tranquiliza” (p. 101). E aqui vê-se a máquina paranoica assujeitando a produção das máquinas desejanças.

Se antes a busca era pela constituição de um CsO, de um desmanche de toda identidade, agora a necessidade era de afirmar uma noção de eu que desse contorno a todos os

afetos que, naquele momento, aniquilavam toda sensação de identidade. As forças que me tomavam eram tão intensas que, em uma tentativa de sobreviver, invoco todas as linhas duras para que operem seus cortes.

A grande linha chega ao corpo sem órgãos e aí, ou passa o muro e desemboca nos elementos moleculares onde ela devém na verdade o que já era desde o início, processo esquizofrênico, puro processo esquizofrênico de desterritorialização; ou então, ela emperra, salta, recai nas territorialidades mais miseráveis do mundo moderno, ordenando-se como simulacros dos planos precedentes, de modo a grudar-se no conjunto asilar da paranoia e da esquizofrenia como entidades clínicas, nos conjuntos ou sociedades artificiais instaurados pela perversão, no conjunto familiar das neuroses edípicas. (Deleuze & Guattari, 2010, p. 372)

“À deriva, não há porto que não pareça seguro”, me lembro de ler em um livro de Cauchick (2010) na época da faculdade. Era talvez essa a sensação: estar à deriva, sem referência, sem porto, entregue aos balanços do mar. Uma embarcação algo abandonada, correndo o risco de naufragar. Se antes meu trabalho contava com um contorno institucional, nesse momento, recém-formada, encontrava-me sem barreira protetora, era corpo a corpo em todos os sentidos, e nenhum tipo de contorno alheio me sustentava em minha prática, apenas minhas próprias bordas, inseguras, demasiadamente frouxas. Eram forças com as quais ainda não havia agenciado.

Diante desse calor, dessa urgência que se apresentou intimamente, recrudesceram as linhas duras: despertou-se em mim uma lembrança-desejo da adolescência, antes mesmo do ingresso na graduação, tempo em que eu sonhava em trabalhar com crianças com câncer. Parecia uma possibilidade de existência. Diante do mar de Medo, um porto que parecia seguro. O retorno aquilo que um dia fez sentido, naquele momento em que todos encontros

serviam apenas para ecoar um vazio interno. Era uma lembrança de identidade, de algo que um dia pareci ser, com gosto de estabilidade.

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. (Deleuze & Guattari, 1996, p. 21)

Como lembram Deleuze e Guattari (1996), a linha dura “comporta até mesmo muita ternura e amor” (p. 62). Portanto, nesse momento, a sobrecodificação que essas linhas operaram foi também uma operação de cuidado.

Recém-formada, experimentando a necessidade de prover meu sustento e sentindo o peso de todas aquelas demandas que atingem os jovens adultos que ouvem a voz do capitalismo. O caminho que se fez possível para atender àquela memória que trazia gosto de identidade (trabalhar com a infância), associado à necessidade de prover meu sustento, foi a tentativa de ingresso em um programa de Residência Multiprofissional de Atenção à Saúde da Criança. Lembro-me de pensar, ao prestar a prova para a residência, que a criança iria me oferecer o lúdico ao invés de me inundar de palavras. Palavras aquelas que, ditas pelo meu último acompanhado, me assombravam. Estava à procura de um registro outro que pudesse me resgatar. Algo que não me trouxesse medo.

Deleuze e Guattari (2000) apontam que precisamos ver a desterritorialização “como uma potência perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares [...] e que é sempre relativa, tendo um reverso, uma complementaridade na reterritorialização” (Deleuze & Guattari, 2000, p. 69). Portanto, ao mesmo tempo, desterritorializar e reterritorializar, afinal, “a desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como

a criação de uma nova terra por vir” (Deleuze & Guattari, 1991, p. 117). Um movimento não anula o outro. Coexistem. O interesse pela infância foi uma operação de reentrância por territórios conhecidos, por aquele gosto de identidade, mas foi também operação de cuidado de si por ser uma tentativa de outramento, de devir e de produção de novos agenciamentos. Afinal, tratava-se de uma memória de um desejo. Mas não deixava de ser um território ainda inexplorado, que trazia em si uma abertura ao novo, ao fora, ao devir.

“Será que eu não sou justamente a coexistência dessas múltiplas forças, direções, outramentos?” (p. 1), pergunta Pelbart (2011) em sua “Poéticas da Alteridade”. Nesse texto, o filósofo comenta sobre uma suposta unidade que imaginamos ter como indivíduos e como essa noção é “assaltada” pelos devires e por um sem número de outramentos que a deformam. Lembrando Fernando Pessoa que pelo dispositivo de se “outrar” visita diferentes universos em sua literatura, Pelbart (2011) comenta como essas operações de devir, esse mapeamento das forças que nos rodeiam, a experimentação das mesmas, são dispositivos, assim como a arte e a reinvenção cotidiana de nós mesmos, que de algum modo refazem nossos contornos, como uma maneira de combater o Mesmo que nos captura.

Pensando nesse processo de se outrar, no devir criança, me encontro com Walter Kohan, filósofo e professor de filosofia da UFRJ, que tem várias publicações nas quais destrincha o conceito de devir-criança conforme descrito por Deleuze e Guattari:

“Devir-criança é um movimento contemporâneo, criação cosmológica, invenção de mundo: um mundo que explode e a explosão de um mundo novo” (Kohan & Fernandes, 2020, p. 8).

Não seria então um retorno a própria infância, nem mesmo um processo de infantilização. Devir é um encontro entre entidades que provoca algo novo, “algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, intensidade e direção próprias” (Deleuze & Parnet, 1998, pp. 10-15 citado por Kohan, 2004, p. 65). Como um devir minoritário, devir

criança aparece em oposição ao modelo dominante de Homem e apresenta uma possibilidade de trânsito, de movimento, por onde passam linhas de fuga, forças que irrompem sem serem convidadas ou antecipadas (Kohan, 2004).

Kottwitz (2022) discorre sobre o conceito de devir-criança a partir de Nietzsche e de Deleuze e Guattari. O autor coloca que “para Nietzsche inocência e esquecimento andam a par com a criança, que vive uma existência a-histórica” (p. 66). Em Deleuze e Guattari, explica Kottwitz (2022), encontramos que devir é um processo de esquecimento, ou melhor, um “processo de desfazimento do rosto” (p. 66) que nos é dado, a cada um, pelo *Socius*, pela família, pelos papéis enfim que nos sujeitam enquanto atores sociais. O devir-criança, portanto, engendraria movimentos que dessociam o corpo dos deveres impostos pela “máquina de rostidade que coordena a produção social do rosto, ou seja, que qualifica e quantifica o sujeito segundo determinadas sobrecodificações, significados, identidades, funções e lógicas de inclusão/exclusão” (p. 65).

Dessa forma, ainda que observando o recrudescimento das linhas duras que se deu nessa busca pelo trabalho com a infância enquanto tentativa de encontrar estabilidade e reminiscências de uma antiga identidade, percebo também um desejo de manter aberta a porta ao encontro com as intensidades. A criança, ou o lúdico, seriam novos portais para tal.

No recorte institucional e hospitalar da residência, a máquina de produção de rostidade trabalha ferozmente. Naquele ambiente, a prioridade sempre era médica. As iniciativas de promover a diferença, de inaugurar movimentos outros, eram tolhidas em seu germinar. Foi aí onde tantas capturas ocorreram. Era difícil transitar entre a inventividade que o trabalho com as crianças me convidava, e o recrudescimento que os demais processos de trabalho me exigiam.

Adoeci. No primeiro ano da residência tive episódios recorrentes de quadros inflamatórios que nunca havia tido como otite, sinusite e terçol. Também sofri alguns ataques

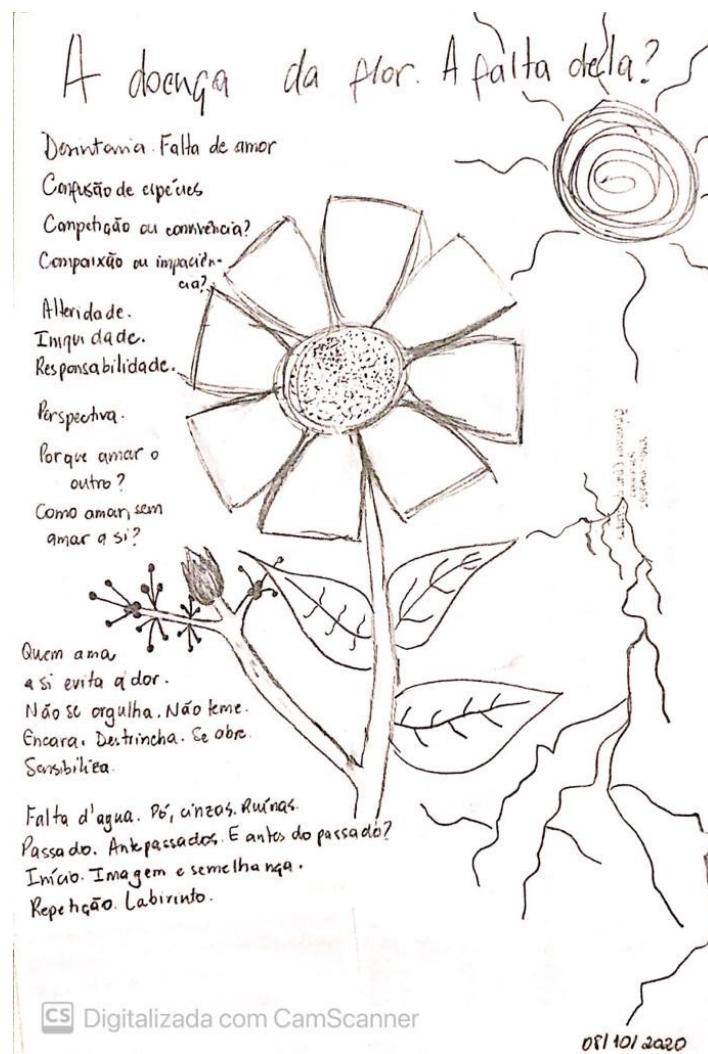
de gastrite, apesar de não ter exagerado em nenhuma alimentação que costumeiramente me desencadeava tal problema. No segundo ano da residência o trabalho se dava em setores de alta complexidade, ou seja, as UTIs, e o contato com as crianças se via ainda mais reduzido. Na maior parte das vezes, as crianças estavam em coma ou tinham passagens tão rápidas pelo setor, em sua maioria em pós cirúrgicos, que me cabia apenas fazer o acolhimento inicial dos pais.

Foi então, no final do segundo ano de residência, onde constatei a necessidade de algo que me permitisse, mais uma vez, transformar a minha realidade. Mais uma vez, o desejo de outramentos. O recrudescimento era tanto, que fiz-me protocolar. Dos escritos e garatujas dessa época, não encontro nenhum vestígio de liberdade. A verdade é que não houveram garatujas. Os blocos de nota dos dois anos em que estive na residência, pistas que contam dos processos vivenciados àquele tempo, contém apenas números de prontuários, definições de doenças, relatos de atendimento, enfim, todas as burocracias que ordenavam a rotina.

Dessa época, encontro apenas um registro de criação livre. O desenho e o poema que se seguem foram escritos, já próximo ao final da residência, após uma intensa conversa por telefone com minha mãe, na qual ela relatava diversos problemas familiares que se agravavam no contexto da pandemia de Covid-19:

Figura 2

A doença da flor – ou – Respiro criando



Fonte: autoria própria.

Foi um ano difícil, no qual me via limitada a desempenhar funções domésticas e profissionais de forma automática, sem implicação ou desejo. A fonte de satisfação da época eram os encontros com os outros residentes, nos quais era permitido dizer dos incômodos e dificuldades da prática profissional e da rotina extenuante de uma jornada de 60 horas semanais, associado a falta de espaços por onde transitar nas poucas horas vagas em razão do contexto de isolamento social.

Mas chegou um ponto, em algum dia próximo ao final do ano, no qual o burburinho interno começou a afetar meu sono e aí voltei a escrever. A demanda que pululava em meus diálogos internos dizia muito respeito à minha performance enquanto psicóloga, em termos de desempenho e tudo aquilo que usam as empresas para avaliar seus colaboradores. Havia uma tonalidade acusatória nessas vozes que me invadiam. Me sentia uma fraude pelo fato de não ter um nicho de trabalho definido, a culpa me assaltava diante de todo sinal de cansaço, toda exaustão e falta de vontade. A sensação era de que se eu não gostava do meu trabalho, se eu não estava integralmente envolvida e disponível para ele, era impossível que eu fosse uma boa profissional.

O que me intrigava era que eu não havia recebido nenhum tipo de cobrança, nem observado qualquer ressalva nem de meus colegas, nem de meus supervisores, tampouco de meus clientes quanto ao meu desempenho. Mas a sensação de perseguição era tamanha que tornou-se impossível conviver com ela. Intrigante, incômodo, adoecedor. Precisava compreender qual a natureza, qual o propósito dessa crítica voz interna. Parecia mesmo ser a interiorização da cobrança, daquela mesma antiga voz capitalística que há tempos assombra o homem.

Foi aí que me encontrei com Byung-Chul Han e seu livro *Sociedade do Cansaço*. Num golpe do destino, comprei o livro sem sequer ler a sinopse, provavelmente extremamente identificada pela palavra “cansaço”. Foi assim que começou a tomar contorno para mim o que era que sustentava essas vozes que me assombravam e adoeciam. Passei a reconhecer não só essa dinâmica interna, mas também a percebê-la nas relações organizacionais que observava se desenrolar no ambiente hospitalar. Se tornou difícil não aprofundar esse raciocínio que tanto me instigava e que também me libertava de minhas culpas.

Percebi um distanciamento da prática clínica e passei a me interessar pelas relações de trabalho. Afinal, a prática clínica no contexto hospitalar e em contexto de pandemia, estava

cada vez mais burocratizada e menos espontânea. De tão arraigado nesse arranjo de *socius* em que vivemos, o trabalho aparece como parte natural do desenvolvimento humano. Compõe o rosto do Homem moderno. Vou descobrindo em suas faces um delírio histórico mundial que é insistentemente cravado em nossa superfície de registro, sob as múltiplas reterritorializações que o capital impõe aos Corpos Sem Órgãos, que são capturados pelas artimanhas e atualizações do capital e do poder.

Han (2020) discorre sobre a sociedade de desempenho, ou a sociedade do “yes we can”, onde a noção de poder impera sobre a noção de dever quando se pensa nas relações de trabalho. Essa mudança da sociedade disciplinar pra sociedade de desempenho é fruto de um movimento de adaptação do sistema capitalista e se mostra efetivo como atualização de interesse do capital em maximizar a produção e o consumo uma vez que investe a função do trabalho não mais como uma obrigação a que se deva obediência, mas como uma possibilidade, um poder ilimitado dos sujeitos para se melhorarem e alcançarem patamares cada vez mais elevados, uma sociedade onde tudo é possível.

Deleuze (1992) comenta sobre a transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, ressaltando as atualizações do capital, principalmente através do marketing, que possibilitam que as instituições não sejam mais as detentoras principais dos mecanismos de disciplina dos corpos. O filósofo aponta que na transição das fábricas para as empresas surge uma lógica competitiva que esfacela a noção comunitária e coloca todos contra todos, o que enfraquece os sindicatos. Essa mudança é possível pois as tecnologias de controle se pulverizam de tal forma que podem ser consideradas “uma moldagem auto-deformante” (p. 220) que muda continuamente.

Deleuze (1992) coloca que na sociedade de controle o indivíduo se vê em um interminável processo de educação, onde os ciclos não mais se encerram como anteriormente nas transições entre escola e trabalho, por exemplo. Assim, vê-se cada vez mais jovens

pedindo por motivação e educação continuada, sem a consciência de que são exatamente essas técnicas que os submetem a um regime de controle e que geram a constante insatisfação que experienciam. Assim, “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua” (p. 224).

Essa lógica imbui o homem a tarefa de empreender a si mesmo, explorar a si mesmo, muitas vezes, sem nenhum tipo de coação estranha. Esse mandato da sociedade pós-moderna do trabalho produz homens depressivos, ou poderíamos dizer paranoicos, pensando nas linhas duras que nos dizem Deleuze e Guattari, uma vez que o sujeito de desempenho trava batalhas consigo mesmo, visto que a coação passa a ser internalizada. “A depressão [...] reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (Han, 2020, p. 29).

[...] O sentimento de ter alcançado uma meta definitiva jamais se instaura. Não é que o sujeito narcisista não queira alcançar a meta. Ao contrário, não é capaz de chegar à conclusão. A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento). (Han, 2020, pp. 85-86)

A leitura do livro de Han gerou ressonâncias e identificações. A sensação era de um despertar, um abrir de olhos para a realidade que me cercava. O sentimento, no entanto, foi de desesperança. Apesar do brilho nos olhos ao perceber a potência da busca pelo conhecimento, a realidade do trabalho e da necessidade de sobrevivência em um sistema capitalista ainda oprimiam. Reinava o sentimento de que nada seria possível para melhorar essa situação.

Antes de concluir a residência, afetada pelo brilho nos olhos que a leitura do livro de Han (2020) me proporcionou, pensei na possibilidade de que um próximo passo interessante

no sentido profissional poderia ser o mestrado, uma vez que me possibilitaria, esperançosamente, algum ganho financeiro, além de me proporcionar encontros potentes tal como tive com essa leitura.

Daí então essa pesquisa de Mestrado. Uma criação declaradamente atravessada por diversos registros, instituídos e instituintes. Um escrever, um pensar, um cartografar de um processo que surge como ferramenta de cuidado e, para tal, caminha rumo à encontros que produzam sentido, que façam vibrar, desejar e esperar, como bem disse Paulo Freire (1992).

Diante desse movimento de inquietação psíquica (inquietação que, sob novos tons, persiste), ao ingressar no Mestrado, comecei a registrar em um diário de bordo alguns pensamentos que me tomavam, em uma fase que ainda não tinha definido os rumos da pesquisa, mas havia identificado um primeiro passo de implicação: era preciso pensar sobre a Saúde do Trabalhador. Trago alguns fragmentos desse diário de bordo a seguir:

Quadro 1

Fragmentos do diário de bordo que foi iniciado em agosto de 2021 como ferramenta cartográfica

<p>Agosto de 2021:</p> <p>“A culpa me coloca como pó. Sem fazer o trabalho, eu não passo de uma Zé Ninguém. Mas o que mais eu sou ou quero ser além de alguém que trabalha?”</p> <p>“E tudo aquilo que queremos ser? Ser adulto é ser cativo do trabalho? ‘O Trabalho’, parece maior que todos nós. Ele não nos serve, nós servimos a ele. E deixamos de viver nesse interim.”</p>
<p>Setembro 2021:</p> <p>“Graças por não estar só nesse mundo. Corresponsabilização, ufa.”</p> <p>“Viver é profundo. É visceral! Como vocês conseguem? Passar e não ver?... Como eu consigo? Eu também consigo. Até que não consigo mais.”</p> <p>“O que eu perco por ceder espaço a esse modo de ser?”</p> <p>“Viver é melhor que sonhar.”</p> <p>“Como é que não se entende como se enlouquece?”</p> <p>“No meio de tudo isso, ecoa a fala daquela senhora, coordenadora de qualquer coisa, no primeiro dia de trabalho da residência, na palestra de apresentação do programa. Ela dizia: eu não sou psicóloga, mas apenas estou psicóloga. Eu não sou nada disso.”</p>

Fonte: autoria própria.

Entre os escombros deixados pela culpa, mais uma vez o medo de enlouquecer. Se antes da residência esse medo me tomava junto a sensação de um corpo de fumaça, sem contorno, aqui o corpo já estava demasiadamente protocolar, enrijecido, capturado. Dessa vez, o medo foi sentido como a impossibilidade de não se enlouquecer diante do contexto neoliberal pós-moderno de trabalho. Desejo de transformação. Vontade de ser para além do que se parece ser. Vontade de viver e não só sonhar. Pistas de esgotamento.

Lapoujade (2002) argumenta da importância de se compreender o que é que os corpos não aguentam mais. A resposta é dupla. Não se aguenta mais, primeiramente, aquilo que vem do exterior a submeter os sujeitos, formas de adestramento e disciplina. Mas também não se aguenta mais aquilo que submete de dentro, ou seja, as formas que são interiorizadas e se impõe ao Dentro pela criação de um agente que as faz agir. Aqui é onde há a transformação da resistência que o corpo impõe ao adestramento em assujeitamento.

Esse agente que se forma no corpo submete a potência dos corpos nos domínios de subjetivação e de organização. Ou seja, “o corpo sofre de um ‘sujeito’ que o age – que o organiza e o subjetiva” (Lapoujade, 2002, p. 85). Portanto, não seria apenas adoecer o corpo, mas também nos tornar doentes dessa doença que toma o corpo. Diante disso, é na resistência que o corpo manifesta diante dessas formas vindas de fora que ele exprime uma potência própria. (Lapoujade, 2002).

O “eu não aguento mais” não é, portanto, o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a potência de resistir do corpo. Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência. É a razão pela qual toda doença do corpo é, ao mesmo tempo, a doença de ser agido, a doença de ter uma almasujeito, não necessariamente a nossa, que age nosso corpo e o submete às suas formas. (Lapoujade, 2002, p. 89)

O autor diz então que diante do protesto, vê-se a potência daquele corpo sujeitado. A potência que, insistentemente, tentasse silenciar pelas artimanhas de colonização das subjetividades. A potência daqueles que buscam por sua autonomia, sua diferenciação, sua voz e verdades próprias. A potência que mora nos afetos, no desejo, naquilo que brota em cada um e o torna único, singular. A potência daquele que ousa dizer não.

Isso me remete ao texto em que Pelbart (2000) apresenta a leitura de Deleuze sobre o conto de Bartleby, de Melville (2009). O personagem, Bartleby, é escriturário em um escritório de advocacia e aparece como um sujeito sóbrio e silencioso, sempre tranquilo e

comedido. O narrador da história, o advogado e patrão de Bartleby, conta sobre diversas vezes que solicita algo ao escrevente e o mesmo responde “I would prefer not to”, ou em tradução, “eu preferiria não”. Essa resposta incomoda o advogado que, com o passar do tempo, oscila entre a compaixão e a indignação, a piedade e a repulsa por Bartleby.

Pelbart (2000) relembra a observação de Deleuze de que “I prefer not” pode ser lido ao avesso como “I am not particular”, ou seja, “eu não sou particular”. Esse homem universal remete a ideia do homem das grandes cidades, da impessoalidade, um homem qualquer e sem essência que se recusa a se filiar a alguma personalidade estável. Nesta postura neutra de Bartleby, onde não se assume uma posição e se recusa a qualquer formulação, vê-se o abandono de uma identidade, uma recusa de si que sacrifica o próprio sentido, desmontando a dialética uma vez que não se assume nenhuma postura, nem a de recusa, nem a de aceitação. Nesse apagamento há a possibilidade de se engendrar novas singularizações e resistências ao produtivismo capitalístico.

A fórmula de Bartleby destitui aquele que tenta subjugar, no caso, o advogado, que representa o papel de uma função paterna e moralista, de qualquer movimento que soe exemplar, e também liberta o filho de qualquer possibilidade de copiar. Cria-se uma zona de indistinção entre os dois, a relação que antes era de filiação, verticalizada, assume uma posição horizontal, de aliança e de confiança. E seria essa reivindicação de Bartleby. Trata-se, portanto, de contestar o privilégio da semelhança sobre a diferença.

Interessante é observar o quanto essa solicitação desorganiza e abala as estruturas do próprio advogado e da equipe que com ele trabalha, uma vez que no conto se narra a extrema afetação desses diante do comportamento de Bartleby que havia perturbado as línguas e as cabeças também dos demais funcionários, até que, na impossibilidade de demiti-lo, uma vez que Bartleby prefere não ser demitido, o advogado resolve mudar o próprio escritório de endereço. Tamanha afetação, tamanha perturbação a força nem negativa nem afirmativa

(nem/nem)⁴ que Bartleby exerce sob o personagem do advogado, tão identificado a fórmula majoritária da dialética e das alternativas binárias e disjunções inclusivas.

Han (2020), por sua vez, aponta na estória de Bartleby a ocorrência de um esgotamento que se desenrola ainda diante de uma sociedade disciplinar, portanto, diferente do esgotamento do sujeito da sociedade de controle, o personagem não experimentaria um fracasso no projeto de ser eu, que seria o sofrimento do sujeito da sociedade de controle. Ele experimenta o esgotamento disciplinar, o cansaço da cópia, onde não há espaço para uma iniciativa própria.

Cabe refletir, no entanto, se ao assumir uma postura não binária e neutra, como nos aponta Pelbart (2000), Bartleby não estaria, justamente, assumindo uma iniciativa própria, uma vez que inaugura algo que destoa cada vez mais da cópia, como podemos ver com o desenrolar da estória em que o personagem, inclusive, para de copiar, assumindo uma postura quase imóvel, sempre encarando um muro cinza, “*dead brick wall*”, como diz o autor Melville, marcando com a palavra “*dead*”, que em sua tradução significa morte, essa sensação de passagem e transição que o olhar do personagem carrega. Afinal, o que seria a morte se não o inauguração de algo totalmente novo e desconhecido?

Já em 2022, num momento de agonia, me deitei e procurei ouvir músicas que pudessem me acalmar. Lembrei então da famosa Aquarela de Vinícius de Moraes, interpretada por Toquinho. Música que tanto esteve presente em minha infância e parecia trazer em si todo o frescor que buscava naquele momento. Ouvi a música e em seguida fiz anotações no diário de bordo. Trouxe abaixo a letra da música e depois as notas que fiz no dia:

⁴ Aqui podemos ainda pensar no jovem “nem nem”, diagnosticado pelos psis serviços do capital. Eles não conseguem/não querem/prefeririam não... uma colocação no mercado de trabalho, se tornar adulto, alcançar a tão apregoada autonomia. Resistência ou doença? Algo que reforça e protesta contra o jogo perverso do Capitalismo Mundial Integrado que os coloca em vulnerabilidades múltiplas e continuam a exigir cinicamente um mínimo de experiência para que possam partir no trem do consumo/consumação da vida, o trem da morte em vida, do esgotamento e da tristeza.

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou
uma luva
E se faço chover com dois riscos, tenho um
guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a
voar no céu
Vai voando, contornando
A imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havai, Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vela
Branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião, rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e
lindo

E se a gente quiser
Ele vai pousar
Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida
De uma América à outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo
Um menino caminha
E caminhando chega no muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença, muda a nossa vida
E depois convida a rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela, ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela de uma	E com cinco ou seis retas
aquelela	É fácil fazer um castelo (que descolorirá)
Que um dia enfim (descolorirá)	Giro um simples compasso
Numa folha qualquer	E num círculo eu faço o mundo (que
Eu desenho um sol amarelo (que	descolorirá)
descolorirá)	

Ouvi essa música. Já no primeiro sol que se colore, me vejo em prantos. A saudade da cor da infância. Das possibilidades infinitas, do coração aberto. Saudade profunda da imaginação que tanto me permitia – e nos permite a todos. Da intimidade com os afetos, que sem filtro, preconceito ou rigor, são sentidos todos. Impossível pôr em palavras o que me tomou.

E então o muro! O tempo todo presente, mas silencioso diante das criações da infância. Um muro. É isso mesmo? O início, decorado, pura emoção. No final, uma surpresa, um sobressalto. Precisei ler a letra e ouvir de novo a música para compreender aquilo que nunca antes havia percebido. O menino que caminha até o muro, e a frente, pra lá do muro, o futuro que sem tempo e nem piedade chega para mudar a vida e depois convida a rir ou chorar. E seguimos, o menino e nós todos, por uma linda passarela de uma aquarela que descolorirá.

Usando da licença poética para interpretar conforme minha afetação a música, penso no muro como a morte em vida, aquilo que nos leva a um caminho que perde sua cor. O sol que antes, no simples fluir da imaginação, iluminava, se descolorirá. Os castelos, as construções de cada um, descolorirão. E por fim o próprio mundo que perde sua cor. Se torna cinza. Entre o menino e o futuro, o muro. O muro que, com seu futuro, nos assalta. Dia após dia.

O muro que carrega em si uma espécie de morte. A morte da cor. Tal como para Bartleby. O muro que bloqueia a vista, o movimento. Um “*dead brick wall*” que bloqueia a exploração e a descoberta. O fim da linha. E diante dele, o que fazer? Se submeter, deixar que todas as cores morram. Se rebelar, regredir, tentar retornar ao princípio onde com cinco ou seis retas era fácil fazer um castelo? Ou então, fugindo da dialética como Bartleby, inaugurar algum outro movimento? Buscar pela linha que escape, a linha de fuga.

Lapoujade (2015) salienta que “perverter é uma ação essencial em Deleuze” (p. 11), destacando que a filosofia deleuziana é aquela dos movimentos aberrantes, ou seja, dos irracionais que, quanto mais perdem a razão, mais lógicos se tornam. E aqui o autor relembra, inclusive, personagens de Melville, tal como Bartleby, como exemplos de figuras que representam uma lógica que não reconduz a razão, mas que capta a intimidade da vida e da morte.

Acaso Deleuze não afirma que os movimentos aberrantes nos transportam para o que há de impensável no pensamento, de invivível na vida, de imemorial na memória, constituindo o limite ou o “objeto transcendental” de cada faculdade? É isso que eles têm de propriamente aberrante: excedem o exercício empírico de cada faculdade e forçam cada uma delas a se superar rumo a um objeto que a concerne exclusivamente, mas o qual ela só atinge no limite de si mesma. (Lapoujade, 2015, p. 19)

Diante da constatação de que os movimentos aberrantes seriam experiências-limite, questiona-se se esses movimentos não se confundem com um processo de autodestruição. Assim, percebe-se que o vitalismo em Deleuze, tal como nos é apresentado pelas linhas de fuga e pelo corpo sem órgãos, é perturbador, uma vez que esbarra na morte, uma vez que é como se tudo o que houvesse de mais vital fosse insuportável, onde se precisa passar por mortes que nos desorganizem e nos “desorganicizem” (Lapoujade, 2015, p. 22), no ponto onde a vida se torna grande demais para o sujeito, convidando para um além do orgânico dos

corpos. Isso porque “há algo forte demais na vida, intenso demais, que só podemos viver no limite de nós mesmos” (Lapoujade, 2015, p. 23).

Assim, atesta-se diante dessa lógica dos movimentos aberrantes a inseparabilidade, diante da vida, daquilo que é íntimo a cada um com aquilo que nos circunda, nos submete. Trata-se de um convite para ver a vida no que ela tem de impessoal, no que ela permite atingir, ver, criar e sentir através dela. Assim, “a vida só passa a valer na ponta dela própria”, ou seja, revela-se o caráter coletivo que é o que emprega o máximo valor a vida. E assim revela-se o caráter da morte que os movimentos aberrantes apresentam. Não a morte da autodestruição, mas aquela que, molecularmente, minoritariamente, reivindica transformações que permitam novas existências. Como relembra Lapoujade (2015), “talvez esteja aí o segredo: fazer existir, não julgar” (Deleuze, 1997, p. 153 citado por Lapoujade, 2015, p. 24).

Figura 3

Choveu palavra¹



Fonte: autoria própria.

¹ O desenho “Choveu palavra” foi feito durante a residência multiprofissional. A chuva, o coração e as flores são intervenções posteriores ao desenho, que foram incluídos sabe-se lá quando, em alguma curva de sorriso, em um momento de descuido, onde fez-se brotar a cor, as flores e o amor.

Referências

- Agamben, G. (2007). *Profanações*. Editora Boitempo.
- Agamben, G. (2015). *Meios sem fim: notas sobre a política*. Autêntica Editora.
- Agamben, G. (2021, 5 de maio). *O rosto e a morte*. Revista IHU On-Line.
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608961-o-rosto-e-a-morte-artigo-de-giorgio-agamben>
- Camargo, E. M. C. (1991). O Acompanhamento Terapêutico e a Clínica. In Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.), *A rua como espaço clínico. Acompanhamento Terapêutico* (pp. 51-60). Editora Escuta.
- Carrozzo, N. L. M. (1991). Campo da Criação, Campo Terapêutico. In Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.), *A rua como espaço clínico. Acompanhamento Terapêutico* (pp. 31-32). Editora Escuta.
- Cauchick, M. P. (2010). *Sorrisos Inocentes, Gargalhadas Horripilantes – Intervenções no Acompanhamento Terapêutico*. Editora Annablume.
- Deleuze, G. (1992). Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In G. Deleuze, *Conversações* (pp. 219-226). Editora 34.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. (P. P. Pelbert, Trad.). Editora 34
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa – Filosofia prática*. Editora Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1991). *O que é a filosofia?* (Coleção TRANS). Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs* (Vol. 3, Coleção TRANS). (L. B. Orlandi, Trad.). Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2000). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). (A. G. Neto, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980)
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia I* (Coleção TRANS). (L. B. Orlandi, Trad.). Editora 34.

- Deleuze, G., & Parnet, C. (1998). Políticas. In G. Deleuze & C. Parnet, *Diálogos* (pp. 101-120). Editora Escuta.
- Deleuze, G. (1997). A literatura e a Vida. In G. Deleuze, *Crítica e Clínica* (pp. 11-16). Editora 34.
- Deleuze, G. (2021, junho 7). *O Abecedário de Gilles Deleuze | Transcrição Completa*. Machine Deleuze. <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-completa/>
- Foucault, M. (1996). *O que é um autor?* In M. Foucault, *Ditos e Escritos* (pp. 264-298). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2003). A vida dos homens infames. In M. Foucault, *Estratégia, poder-saber* (pp. 203-222). Forense Universitária.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra.
- Gullar, F. (2017). *Na vertigem do dia*. Companhia das Letras.
- Han, B.-C. (2020). *Sociedade do Cansaço* (2ª edição ampliada, 7ª reimpressão). Editora Vozes.
- Jugend, G. (2015). *Rosto: A Passagem Da Ontologia à Ética Em Giorgio Agamben* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo Digital da UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/41853>
- Kohan, W. O. (2004). A infância da educação: o conceito devir-criança. In W. O. Kohan (Org.), *Lugares da infância: filosofia* (pp. 50-75). DP&A.
- Kohan, W. O., & Fernandes, R. A. (2020). Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. *Educação e Pesquisa*, 46(e236273). <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046236273>

- Kottwitz, M. (2022). *Performance Art: Produção de Encontros, Produção de Subjetividade: Ensaio em Arte e Esquizoanálise*. Editora Dialética.
- Lapoujade, D. (2002). O corpo que não aguenta mais. In D. Lins & S. Gadelha (Orgs.), *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo (pp. 81-90)*. Relume Dumará.
- Lapoujade, D. (2015). *Deleuze, os movimentos aberrantes*. N-1 Edições.
- Melville, H. (2009). *Bartleby, o escrivão. Uma história de Wall Street*. (C. Zanon, Trad.). Nova Fronteira.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém*. Companhia das Letras.
- Pelbart, P. P. (2000). *A vertigem por um fio – Políticas da Subjetividade Contemporânea*. Editora Iluminuras LTDA.
- Pelbart, P. P. (2011). Poéticas da Alteridade. *Revista Bordas*, (0), 1-7. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bordas/article/view/7734/>
- Rolnik, S. (2021). *Antropofagia zumbi*. N-1 edições.
- Santos, M. R., Garlet, R. F., & Cardonetti, V. K. (2020). O garatujar como ação molecular: devires que arrastam linhas de escrita.... *Revista ClimaCom*, 7(18), 103-125. <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-garatujar-como-acao-molecular-devires-que-arrastam-linhas-de-escrita-monalisa-romanesi-santos-francieli-regina-garlet-e-vivien-kelling-cardonetti/>
- Zourabichvili, F. (2004). *O Vocabulário de Deleuze*. (A. Telles, Trad.). Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação.

O Buraco É Fundo: Acabou-Se O Mundo? Reflexões Sobre A Dor E Sobre O Ato Criador

Rubem Alves poeticamente diz da importância da dor para o ato criador. “Ostra feliz não faz pérola” (Alves, 2008). Pequena ou grande dor, é preciso essa intensidade para que a criação se dê. “A dor aprofunda o pensamento” (Han, 2021, p. 77) e coloca em movimento um processo de reflexão que propicia um terreno para produção do diferente. Temos na dor aquilo que escapa à lógica de imposição de felicidade própria da lógica neoliberal, e, portanto, faz vislumbrar um caminho outro.

Na banca de qualificação em que defendi minha dissertação de mestrado, o professor Bruno Vasconcelos me faz uma provocação para que eu reflita sobre uma citação de Byung Chul Han (2021) que utilizei na dissertação e que diz que “toda intensidade é dolorosa” (p. 31). Será mesmo que toda intensidade que nos atravessa arrasta em nós uma dor? Apesar de ter corrigido a citação no corpo do texto, de forma a tornar claro que a fala do filósofo é sustentada pela ideia de que não há possibilidade de vivenciar verdadeiramente nenhuma intensidade sem que se vivencie também a dor, segui refletindo se toda intensidade, de qualquer qualidade, seria dolorosa.

Han (2021) defende em seu livro “Sociedade Paliativa – A dor hoje” que vivemos atualmente em uma sociedade algofóbica, ou seja, um contexto no qual se evita ao máximo toda condição dolorosa, o que gera uma sensação de anestesia permanente. Aos sujeitos de desempenho é imposto que a felicidade deve imperar, assim como a conformidade e consenso, evitando-se a todo custo quaisquer contradições e conflitos, anulando a possibilidade de catarse. Em tempos de soberania do igual, a negatividade da ruptura, do acesso verdadeiro ao diferente, ao outro, ameaça a cultura do desempenho. Assim, a vida se torna coisificada.

Com a positividade da felicidade reprimindo a negatividade da dor, o homem se vê distraído do sistema de dominação que o cerca. Estimulado a voltar-se para si de forma a se construir cada vez mais competente, otimizando-se constantemente em uma competição consigo mesmo, o sujeito neoliberal se torna cego para as mazelas que o próprio sistema produz em âmbito social. Assim, todo sofrimento passa a ser privatizado e psicologizado, sendo interpretado como sinal do próprio fracasso, gerando a sensação de que as mudanças devem ser feitas em âmbito pessoal e não coletivo. (Han, 2021).

Tal como a vida, a dor atualmente se coisifica, se transformando em uma aflição puramente corporal. Ou seja, não se é mais capaz de alcançar o sentido da dor uma vez que ela é tida meramente como um processo biológico que deve ser anestesiado. Esse esvaziamento de sentido junto ao foco exacerbado na otimização das sensações corporais, no bem estar e no simulacro de felicidade vendido pelo sistema neoliberal como meta, acarreta na produção de sujeitos que recusam conexões saudáveis com o outro, uma vez que é inerente a essa vinculação o risco de se machucar. Assim, o homem segue alienado das dores coletivas, afinal, o outro enquanto objeto não dói e não sofre. (Han, 2021).

Essa dissertação foi sendo costurada por linhas advindas de muitas dores, tendo como pontapé uma angústia que eu não sabia nomear. A cartografia vai sendo traçada a partir de diversas marcas que se fazem presentes, buscando uma atualização. “A primeira crise que a gente tem que cuidar é a crise que acontece em nós por que o cuidado consigo é revolucionário” (Rodrigues, 2022, p. 104). O produto final do cuidado que se operou pela escrita dessa dissertação, no entanto, não é a dissertação em si. Ela é, sim, parte do processo que se operou. É realmente a cartografia do caminho que enquanto pesquisadora construí ao estudar o cuidado de si, a esquizoanálise, a cartografia, a memória, a escrita e todos os afetos que se encontraram com tantos polifônicos conceitos. Mas o produto maior é a pesquisadora

cartógrafo. E não faz sentido que assim seja, quando o título a ser obtido irá coroar a pesquisadora enquanto mestre em psicologia, e não a dissertação?

Muylaert em conversa com Rodrigues (2022) pontua que a lição que os gregos deixam para a humanidade é que, para governar a cidade, é preciso governar a si. Assim, o exercício de cuidado de si, onde entra em jogo a análise das forças ativas e reativas que nos atravessam, se faz fundamental para compreensão do regime de sensibilidade dos corpos nas relações, exercício esse que fortalece o indivíduo na construção de uma vida ética sob um paradigma ético-estético-político. Assim, cuidar de si implica em cuidar do outro. Essa tarefa se faz tão importante pois é a partir desse ponto que se pondera sobre os modos de subjetivação que estamos vivendo, de forma a se apropriar e cuidar das forças ativas e reativas para trabalhar com elas, ao invés de apenas reagir e se submeter a elas. Seria então o processo de ser jardineiro de seu próprio jardim, como diria Nietzsche (2004), e não apenas solo.

Talvez então não seja sobre a qualidade da intensidade. Se prazerosa ou dolorosa. Mas sim sobre o que se faz diante dela. Diante da dialética do existir, o quente e o frio, o prazer e o desprazer, a tristeza e a alegria, o choro e o riso, tantas nuances. Diante do turbilhão que nos acomete todos os dias, da lógica tecnototalitária que domina a atenção do homem de forma tão massiva que oprime muitas de suas possibilidades de produzir sentidos, a capacidade de ser verdadeiramente afetado, atravessado, e não apenas passar pelas sensações.

Talvez seja sobre isso. Toda intensidade carrega em si a capacidade de nos mobilizar. Diante de uma lógica capitalística que nos anestesia para as tantas dores que nos rodeiam, fruto da desigualdade que sustenta o sistema em que vivemos, ser afetado, seja pelo amor, pela alegria, ou pela raiva, pelo ódio, pode sim se fazer sentir como dor. Sendo assim, considerando esse regime de subjetivação, penso que sim: toda intensidade pode ser dolorosa simplesmente por fazer sentir quando a lei máxima é apenas servir, digo, produzir e consumir.

Afinal, diante de um regime de anestesiamento, qualquer afetação que acomete o homem, pode desestabilizá-lo diante da imagem que sustenta de si.

Rolnik (2021) discute que é da própria vida dos homens e mulheres que o capital se apropria. Retomando Negri e Hardt (2001, 2014, 2017 citado por Rolnik, 2021) e seu conceito de capitalismo cognitivo, ela explica que é a própria pulsão de criação e de cooperação que é explorada pelo capital, fazendo dessa potência criativa o motor do regime capitalístico. Essa lógica é chamada de cafetinagem pela autora, de forma a nomear essa operação em consonância com a frequência de vibração dos seus efeitos nos corpos, visto que se trata do abuso da vida para sustentação de um sistema econômico.

A resistência diante da cafetinagem passaria por um esforço de reapropriação coletiva dessa potência de criação e cooperação. Porém, distantes de nossa potência criadora devido ao abuso que ela sofre, nos vemos desconectados da noção de que essa força que move o sistema nos pertence, o que dificulta sua reapropriação. (Rolnik, 2021).

Insurgir-se nesse terreno implica que se diagnostique o modo de subjetivação vigente e o regime de inconsciente que lhe é próprio, e que se investigue como e por onde se viabiliza um deslocamento qualitativo do princípio que o rege. Sem isso, a tão aclamada proposta de reapropriação coletiva da força criadora como profilaxia para a patologia do presente não sairá do laboratório das ideias, correndo o risco de permanecer confinada no plano imaginário e suas belas ilusões alentadoras – elas mesmas dispositivos de capturas. (Rolnik, 2021, p. 36)

Rolnik (2021) entende que é a resistência a esse regime de inconsciente, que apresenta variações ao longo da história conforme se atualizam os mecanismos de captura, que Deleuze e Guattari clamam já em 1972 quando pedem por um protesto dos inconscientes. Esse protesto exige uma investigação que só pode ser realizada no campo da própria experiência, buscando vias de acesso à potência criadora que nos é usurpada pelo sistema. Um trabalho de

experimentação sobre si que é capaz de propiciar breves momentos de reapropriação dessa força vital.

O desejo é convocado constantemente a operar de forma a devolver à subjetividade um contorno. Diante desse ponto de tensão em que o inconsciente se lança, existem dois caminhos: o da diferença, por onde se faz falar o gérmen de criação que nos habita, colocando em risco as formas vigentes de subjetividade, e o da repetição, que convoca todas as forças de conservação do sujeito, o delimitando a papéis previamente conhecidos, que sustentem o *status quo*, garantindo uma noção de estabilidade. Tem-se então um espectro de posições do desejo que varia desde a posição mais submissa ao regime de inconsciente colonial-capitalístico, na qual a força de criação é totalmente expropriada, até a uma posição mais desviante, na qual se teria a reapropriação da pulsão criadora. (Rolnik, 2021).

Da posição mais desviante, é preciso que algo seja inventado para transduzir o afeto ou emoção vital em uma experiência sensível. “Uma ideia, uma imagem, um gesto, uma obra de arte, entre outros; mas também um novo modo de existência, [...] uma nova maneira de relacionar-se com o outro, com o trabalho, com o Estado ou com qualquer outro elemento do entorno.” (Rolnik, 2021, p. 61).

Essa invenção seria responsável por romper a cena do instituído e conservar a vida em sua essência instituinte, insurgente, e não em sua captura e/ou cafetinagem. Porém, para alcançar tal capacidade, é preciso um embate diante das formas vigentes na superfície do mundo, de maneira a encontrar os pontos por onde o desejo possa inscrever os cortes da força instituinte. Tratar-se-ia de uma operação micropolítica ativa, realizada por uma vida que busca reapropriar-se de sua potência, driblando o poder de expropriação do inconsciente colonial-capitalístico. “Uma vida que logra orientar-se por uma ética pulsional. Vida nobre, prolífera vida, vida singular, uma vida” (Rolnik, 2021, p. 65).

Refletindo sobre tudo que apresenta Rolnik (2021) e retomando a reflexão sobre ser a dor intrínseca as intensidades, me encontro com Fuganti (2022) e suas reflexões:

Eu diria que é preciso inventar um modo de produzir dor que fortalece e não que rebaixa. Uma dor como um presente, uma dor com um sentido alegre, uma dor que faz com que você cresça, é a dor de adestrar as forças reativas, mas que, na verdade, se revela como uma dor de parto. Num parto, sempre algo vem a vida, vem a luz, vem a existência. Um parto de uma criação, de uma nova realidade. (Fuganti, 2022, s. p.)

Uma outra dor é aquela que rebaixa e empobrece as vidas sujeitadas. Não seria, portanto, uma questão de se as intensidades carregam em si a capacidade de ferir ou de provocar dor. Mas sim a noção de que, diante de um regime que anestesia, a dor diante de toda e qualquer intensidade aparece também como sinalizador da cristalização, da interrupção do fluxo, da captura, do empobrecimento vital, da cafetinagem.

“É, justamente, a própria e persistente ausência de sentido da vida que dói” (Han, 2021, p. 51). Mas essa dor do assujeitamento não é de fácil percepção. Sobreviver diante do regime de subjetivação colonial capitalístico muitas vezes implica em silenciar a dor da sujeição. O mal estar muitas vezes precisa atingir o corpo para se fazer ouvir e, ainda assim, existem mecanismos outros que insistem em silenciar aquilo que quer emergir.

O que é essa dor? É um afastamento de si para si. A dor é uma vontade de criar distância, de afastar uma zona de outra zona de si mesmo. [...] Raramente nós descobrimos o sentido alegre da dor. E por quê? Porque a dor é vivida como uma diminuição de potência. Como uma provação que rebaixa, que incomoda. Mas e se a gente aprendesse a ver a dor de outra maneira? [...] Porque é pela dor que eu deixo de me fixar, que eu deixo de me sedentarizar, que eu deixo de me acomodar, que eu deixo de simplesmente coagular ou cair em um acontecido que reduziria minha existência na

sua potência de acontecer. A dor como aliada de uma vida potente. Esse é o sentido alegre da dor. (Fuganti, 2020, s. p.)

Nietzsche atribuiu à sua enfermidade o nascimento de sua filosofia. Atribuiu também sua saúde superior, ou seja, a transvaloração de todos os valores, à dor. Isso, pois é a dor quem põe em movimento um processo de produção de sentidos, fornecendo ao homem uma clareza dialética que nenhuma outra intensidade proporciona. A potência criadora se desvela diante da dor que a obriga a agir, articulada a “tudo que temos em nós de sangue, coração, fogo, desejo, paixão, aflição, consciência, destino, fatalidade” (Nietzsche citado por Han, 2021, p. 78). Sem esse rompimento, sem a negatividade, não há produção do novo. (Han, 2021).

Não se trata, porém, de romantizar a dor. Mas sim de compreender sua inexorável presença diante da experiência de ser humano, de estar no mundo e estar em relação. Trata-se de compreender o valor de se tornar vulnerável ao outro, de abrir aos encontros, na possibilidade de se desterritorializar e se reterritorializar novamente. A dor enquanto possibilidade, mais um componente do viver. Positivando-se a dor, possibilita-se que o desejo opere novos cortes, de forma a produzir variações diante das tantas repetições que compõem uma vida.

Vou percebendo então que essa dissertação de mestrado se propõe a isso. A trazer a luz, ao real, algo que, de alguma forma, se diferenciase do instituído que aprisiona, sufoca e adocece, abrindo caminhos para a diferença, para o novo. No caminho para construção desses escritos, tantas dores foram convocadas para se atualizar. Dores de assujeitamento, de desconexão, de cafetinagem. E na operação de construir essa cartografia, a transformação das dores todas, angústias, medos, receios, em aliados.

Ainda assim, não é em razão das dores que são convocadas ao traçar da cartografia que a construção dessa dissertação se deu. Não é a dor em si que facilita a invenção de novas

linguagens. Mas sim, o trabalho de experimentação sobre si que propicia momentos de reapropriação dessa força criadora que é usurpada pelo modo de subjetivação capitalístico (grande dor). Uma invenção que transduz tantos afetos em uma experiência sensível.

Tentativa micropolítica de fazer insurgir o novo, de criar espaço para a diferença. De jogar com a lógica da produção de conhecimento acadêmica, abrindo brechas, semeando ideias, construindo pontes e descobrindo aliados.

Diante de todos elementos que foram sendo convocados, ou que me convocaram, para compor essa cartografia, reforça-se o grande valor de se debruçar sobre os mais diversos registros de sensibilidade que o mundo proporciona. A riqueza está em sorver tudo que nos toca. Em se abrir, em se disponibilizar para as trocas, para as afetações, para as possibilidades que se apresentam, na forma que for, com a lembrança viva no corpo de que as nuances que compõe o viver convidam para uma vida fértil.

Reconheço agora que essa dissertação é uma tentativa, um começo, um espaço seguro que se fez. Provavelmente é por isso que sinto dificuldade em concluí-la, em revisar tudo que foi escrito, observar no agora aquilo que fica do que passou. Dores de parto. Processo de reconstruir minha voz, ou de me reapropriar, ainda que em fugazes momentos, da potência criadora. E a narrativa da dor facilitando esse encontro onde se digere o que se sente, aquilo que é corpo, na palavra escrita.

Concluo a dissertação reconhecendo que trata-se não de um encerramento, mas sim de uma inauguração. Se a potência criadora para ser reestabelecida carece de um movimento coletivo como nos aponta Rolnik (2021) e se o processo de cuidado de si se faz fundamental para o cuidado com o outro como nos lembra Rodrigues (2022), encontro na escrita enquanto ferramenta um caminho micropolítico de experimentação e inserção no real. Inauguro-me pesquisadora. Esse é apenas o começo: atualizações estão sempre por vir para aquele que se permite ser atravessado e ousa experimentar modos outros de estar no mundo.

Referências

Alves, R. (2008). *Ostra feliz não fez pérola*. Editora Planeta do Brasil.

Fuganti, L. (2020, 10 de novembro). *O sentido alegre da dor* [Vídeo]. YouTube.

https://www.youtube.com/watch?v=rQ6FwjDLokY&ab_channel=LuizFuganti

Fuganti, L. (2022, 26 de setembro). *O parto* [Vídeo]. YouTube.

https://www.youtube.com/watch?v=V75nGld2zZo&ab_channel=LuizFuganti

Han, B.-C. (2021). *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Editora Vozes.

Nietzsche, F. (2004). *Aurora*. Companhia das Letras.

Rodrigues, C. C. O. (2022). Conversações com Marília Muylaert: o cuidado de si em tempos de crise. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 12(1), 102-108.

<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3044/1756>

Rolnik, S. (2021). *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2ª edição). N-1 Edições.

Um passeio pelo diário de bordo

Do caos ao cosmo?

16/02/2022

ESCRITA

fundir

Ocupação
Mestrado

CRISE

↳ Criação de conceitos

Peter Pelbart

Lo que sustenta a pesquisa é o
mal estar



Marcadores:

Tempo

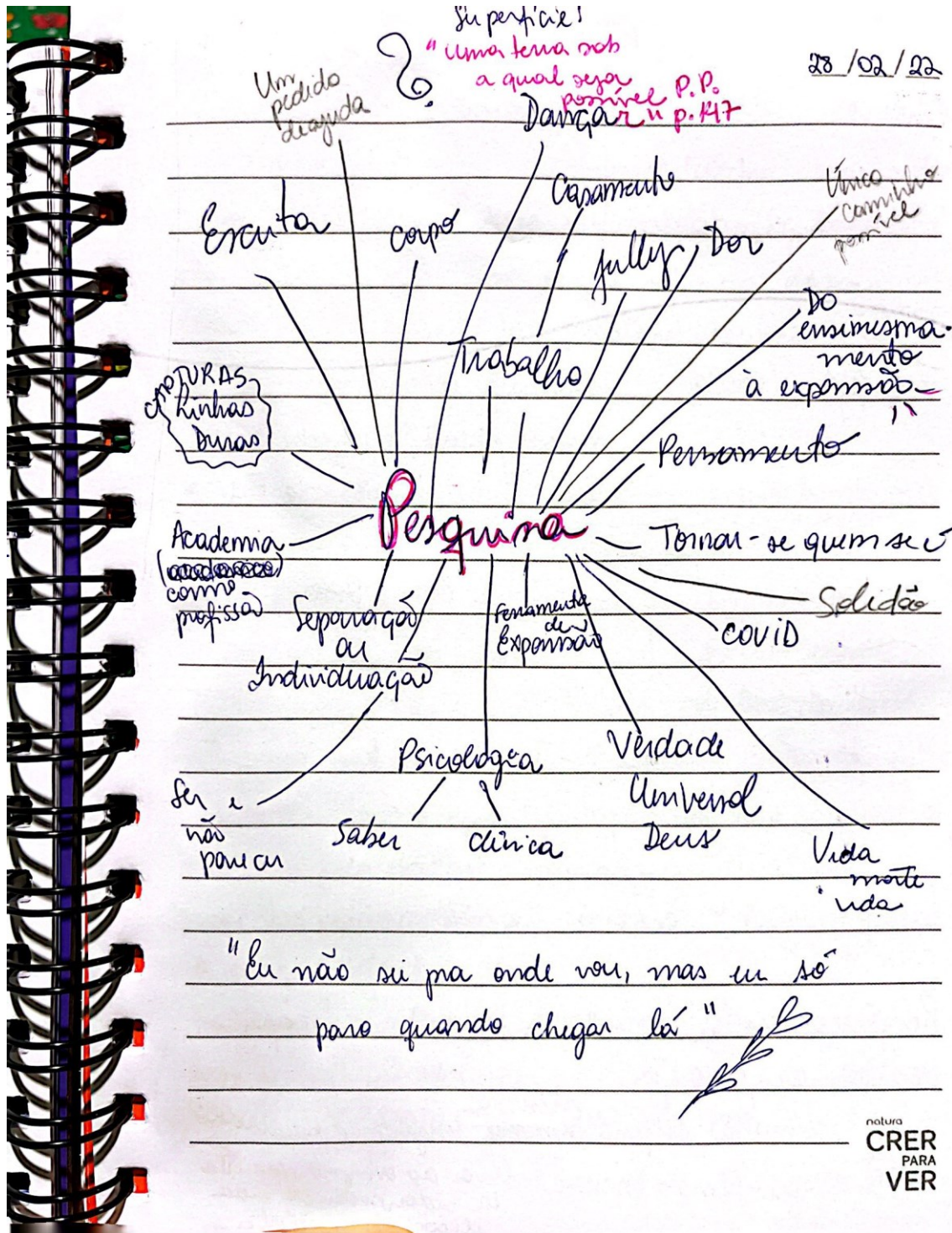
Orientador

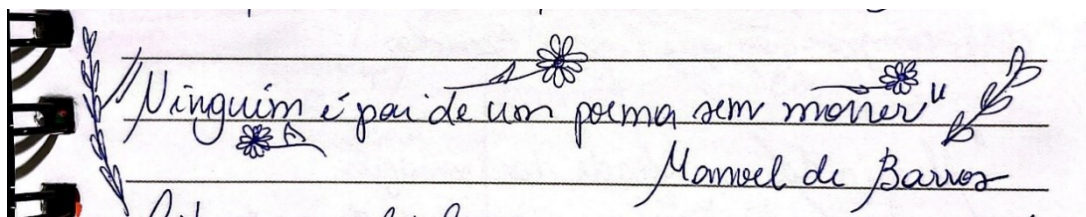
Como que isso
pode aparecer no
campo da escuta?!

Tomar-se implica uma ação
Implicação do analista

A liberdade
sempre tem
reloços e a
negatividade

O broto pesquisa



O poema alimento

Lembrete

① "Tornar-se quem se é" passa duramente por uma análise das forças que constituem o homem e estas forças estão para além de qualquer identidade.

alma
imperturbabilidade

natura
CRER
PARA
VER

Urgência - Folha arrancada dentro de um livro

Mergulho
em uma
experiência
em um nível,
no centro do
+ e do - e →
na complexidade que
nos faz.
Só assim se
chega ao
conhecimento.

Listando pistas

a escrita da dor intensa
 o desincompra
 a coragem de viver o aqui e agora
 desenvolver a capacidade crítica

Pistas
 da produção
 de pontos
 de movimento
 contra o
 apuramento
 do delito

Encorajamento e esperança

Que minhas palavras confiança,
 se aluminem VONTADE de POTÊNCIA
 no ouvido de alguém.

Divagando e demorando

Aprema e ^{que} Se demores ^{Adilia P.}
fruto do capitalismo

Quais janelas escancaram a vida?

✓ / Experimentar um
 tempo Outro, que
 não é do ~~CARTELA~~

Só em recortes
 espaço - Temporais
 naturais

Janelas **CRER**
 que escancaram **VER**
 a **VIDA**

Encruzilhada

do dramático ao lúdico - em uma tentativa
de desbloquear as cristalizações.

Desbloquear não é **Catarse**

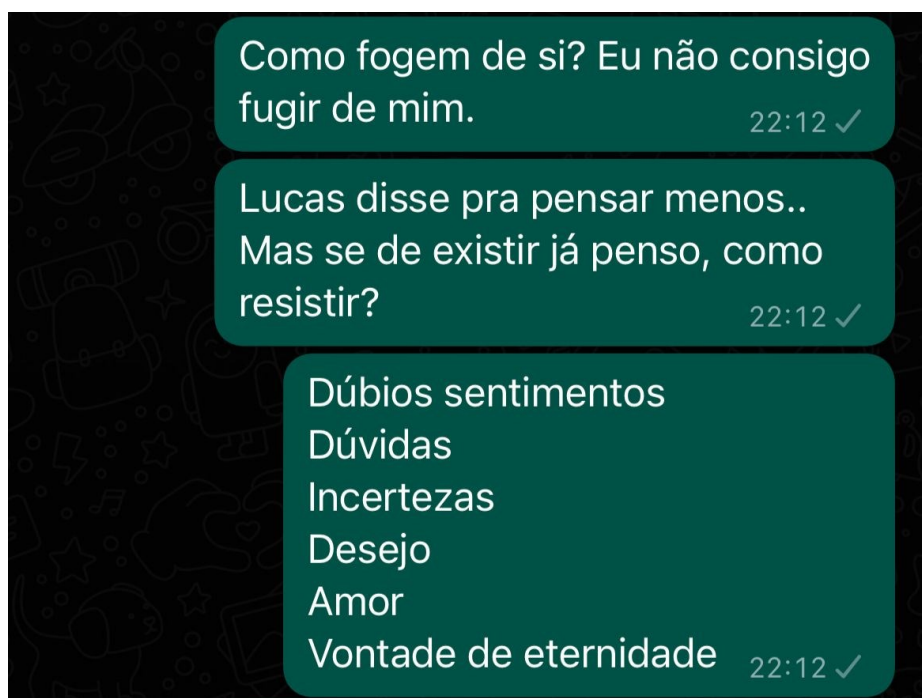
Rede de acoplamentos

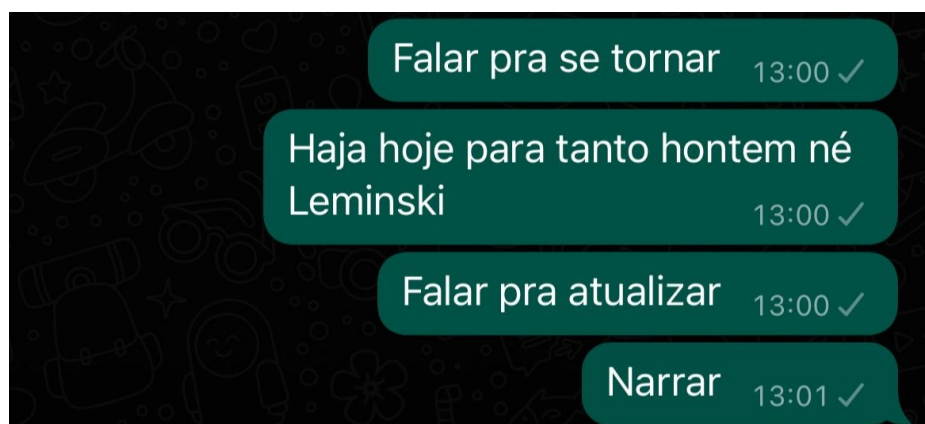
+ que a revelação, a verdade por trás do trauma,
é a multiplicação de sentidos. ←

Escolher o caminho + fácil, familiar

Apostar em outro caminho, se arriscar

O que fica antes de dormir - Diário de bordo digital



Falar, digitar, narrar, posicionar - Diário de bordo digital

Janelas que escancaram a vida

Você já passou tanto tempo no mar que quando saiu ainda estava em ondas? O mar impregnado em nós, ondulando, maré subindo e descendo, em nós. Isso também é alteração de consciência. Por vezes, repare, o simples viver altera a consciência. Viver com o corpo. Com os pés, as mãos, o tronco todo mobilizado. Viver. Sem mediação. Sem subterfúgio. Encontrar a vida ao redor, apenas. A natureza viva, o homem vivo que mora dentro do homem urbano, digital, tecnocrático e burocrático. Construir memórias intensivas só é possível com o corpo.

Assim pensou a puérpera

É criminoso

Que o tempo não pare

Para nos demorarmos nas risadas de nossos filhos

É violento

Que diante de um choro (única linguagem de um bebê)

Os arredores se estremeçam em impaciência e incompreensão

É duvidoso

O mundo que sustenta a máquina que nos priva da diversão

É pesaroso

Ver passar os dias, meses e anos

E não poder se deitar na grama (o natural) como fazem os animais

Diante do canto dos pássaros, o ronco dos motores

Diante do som do vento nas copas das árvores, algum celular insistente

Diante da gargalhada inocente, demandas, tantas, demandas, outras, demandas, demandas,

demandam

E aquele olho recém aberto, fitando o mundo, aberto a tudo, buscando uma conexão, encontra

tantas vezes em outros olhares apenas reflexos. Telas reflexos. Que olhos são esses que não

me fitam, mas que refletem um mundo invisível?

Filhote de Homem

Te vejo descobrir o mundo

Você sorri

Filhote de homem

Franze a testa

Sente a língua

Mexe os braços

Um bocejo te atravessa

E num estalo qualquer: um susto

O choro desce

O choro amigo, sua única língua

A lágrima escorre até molhar os cabelos, sem mãos coordenadas para secá-las

E então descobre as mãos

Se demora ao namorá-las

Tateia, aperta, entrelaça

E pra consagrar a descoberta: baba.

Imita os passantes

Dá gargalhadas

Fere seu corpo frágil no mais simples movimento

E fala sua língua mestra

Filhote de homem, és poderoso maestro da vida que te cerca

Quando crescer, tentarão te fazer esquecer deste poder

Mas ele mora em ti:

A potência de fazer acontecer

A curiosidade que te leva a conhecer

O olhar atento que tudo vê

E a voz, a se desenvolver, para tudo poder dizer

Sê feliz, filhote de homem

E sê triste também

Para descobrir cada nuance

Que existe nesse tal viver